PLACAR

SCORE Editora

ED. 1500 JUNHO 2023 R$ 15,00

DE R$ 25,00 POR: R$ 15,00 POR TEMPO LIMITADO

★ EDIÇÃO ★ 1500

PLACAR REÚNE DUDU, O GRANDE NOME DO PALMEIRAS DE HOJE, O MAIS VENCEDOR DA HISTÓRIA, E ADEMIR DA GUIA, O GENIAL CAMISA 10 DA ACADEMIA DOS ANOS 1970

ENCONTRO DE GERAÇÕES

DOS ARQUIVOS DA REVISTA

- PELÉ E AFONSINHO
- FLÁVIO, BEBETO, DARIO E ALCINDO
- OSCAR E AMARAL
- ZICO, SÓCRATES, REINALDO E FALCÃO
- PELÉ E GARRINCHA
- ASSIS E RONALDINHO GAÚCHO
- KAKÁ, LEONARDO E JÚLIO BAPTISTA
- PELÉ E NEYMAR

E MAIS: UMA SELEÇÃO DE FOTOS ESPETACULARES E CAPAS INESQUECÍVEIS

É PRECISO APONTAR O DEDO PARA OS RACISTAS

Vinicius Jr. no jogo da vergonha contra o Valencia: no centro de um movimento que pode mudar o futebol

JOSE JORDAN / AFP

"A vida não é brincadeira, amigo/ A vida é a arte do encontro/ Embora haja tanto desencontro pela vida." Foi com esse mote, extraído do "Samba da Bênção" de Vinicius de Moraes e Baden Powell, que PLACAR decidiu celebrar esta histórica edição 1 500 (a 1 000, como não poderia deixar de ser, foi ancorada por Pelé). É marca que nos emociona. E poucas reuniões seriam mais interessantes do que a do divino Ademir da Guia – personagem contumaz dos primórdios da revista – com Dudu, talvez o nome mais simbólico do Palmeiras dos anos 2020, vencedor imparável. Não por acaso decidimos levá-los para a capa. Eles são a locomotiva a transportar, com pompa e circunstância, outros fenomenais pares (e trios, e quartetos...) que passearam por nossas páginas desde 1970.

Mas, como a vida não é brincadeira, e haja desencontro pela vida, alguns dias antes de enviarmos a revista para as bancas e para as casas dos assinantes, o mundo ficou chocado – mas não surpreso, infelizmente – com mais um episódio de racismo contra um outro Vinicius, o Vinicius Jr., atacante do Real Madrid e da seleção brasileira. Numa partida contra o Valencia, pelo Campeonato Espanhol, ele foi covardemente xingado por torcedores que o chamaram de "macaco", antes, durante e depois da partida. Corajoso, ele protestou ainda em campo, chamou o juiz que o expulsara depois de um entrevero com os adversários e apontou o dedo para os criminosos. Depois, foi às redes sociais para deixar claro o que ocorrera. "Não foi a primeira vez, nem a segunda e nem a terceira. O racismo é o normal na LaLiga. A competição

CAPA: FOTO DE ALEXANDRE BATTIBUGLI

acha normal, a Federação também e os adversários incentivam. Lamento muito. O campeonato que já foi de Ronaldinho, Ronaldo, Cristiano e Messi hoje é dos racistas. Uma nação linda, que me acolheu e que amo, mas que aceitou exportar a imagem para o mundo de um país racista. Lamento pelos espanhóis que não concordam, mas hoje, no Brasil, a Espanha é conhecida como um país de racistas. E, infelizmente, por tudo o que acontece a cada semana, não tenho como defender. Eu concordo. Mas eu sou forte e vou até o fim contra os racistas. Mesmo que longe daqui." Houve comoção global, e apenas os estúpidos não defenderam o craque brasileiro.

PLACAR, desde sempre, esteve do lado do respeito ao ser humano, contra o preconceito e a xenofobia, agressões que mancham o futebol. É simples: a vida é a arte do encontro, e tudo o que for na contramão dessa afirmação deve ser rechaçado. Vinicius Jr. pode ter deflagrado, de vez, um extraordinário movimento para que o ódio seja chutado para longe. É postura inegociável, com a qual caminharemos nas próximas 1 500 edições.

O número 1 000 de PLACAR, de agosto de 1989: ancorado pelo rei Pelé

ÍNDICE

revistaplacar
@placartv
@placar
placar.com.br
contato@placar.com.br

PLACAR

A marca PLACAR é licenciada pela Editora Score Ltda. e editada e produzida pela Editora Abril

Publisher: Alan Zelazo

Equipe Score:
CEO: Gustavo Leme
Editor: Luiz Felipe Castro
Repórter: Klaus Richmond
Diretor Comercial: Sandro Santos
Planejamento: Marcos Ramos
Mídias sociais: Bruna Serra Franco, Bruno de Giovanni e Gabriel Rodrigues
Estagiário: Fábio Kimura

Equipe Abril:
Redator-chefe: Fábio Altman
Repórteres: Leandro Miranda e Guilherme Azevedo
Estagiária: Maria Fernanda Lemos

Colaboraram com esta edição: Alexandre Battibugli (fotografia), Kaio Figueredo (pesquisa de fotos), Gabriel Grossi (edição de texto), Enrico Benevenutti (textos) e Renato Bacci (revisão)

Edição de arte: LE Ratto

www.placar.com.br

DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

PLACAR 1 500 (789.3614.11273-2), ano 54, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

Meio século de vida os separa. Um é bossa nova, pura poesia; o outro é rock pesado — ou melhor, um estrondoso funknejo de Goiás. O longilíneo Ademir da Guia, 81 anos, e o baixinho Dudu, 31, são quase uma antítese. Em comum, o talento com a bola e a idolatria de uma das torcidas mais exigentes do país. PLACAR reuniu as duas lendas do Palmeiras

Luiz Felipe Castro e **Felippe Facincani**

O DIVINO E O

Viagem no tempo: Ademir e Dudu relembram conquistas no Palazzo Verde, um museu dedicado ao Palmeiras, próximo ao Allianz Parque

O INFERNAL

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Ademir e o "freguês" Rivellino, no início dos anos 1970: "A torcida dizia: pode até perder o campeonato, só não pode perder para o Corinthians"

LEMYR MARTINS

"Ademir impõe com seu jogo o ritmo do chumbo (e o peso), da lesma, da câmara lenta, do homem dentro do pesadelo. Ritmo líquido se infiltrando no adversário, grosso, de dentro, impondo-lhe o que ele deseja, mandando nele, apodrecendo-o. Ritmo morno, de andar na areia, de água doente de alagados, entorpecendo e então atando o mais irrequieto adversário." Assim definiu o poeta João Cabral de Melo Neto (1920-1999), autor do clássico "Morte e Vida Severina" (1955), o estilo de jogo de Ademir da Guia, o maestro que regeu as chamadas Primeira e Segunda Academias do Palmeiras, entre 1962 e 1977. A elegância com a qual dominava a bola e a distribuía, ao ritmo da câmera lenta, de andar na areia, sempre o acompanhou também fora de campo. Foi com a habitual doçura e um efusivo abraço que Ademir recebeu o atual ídolo da torcida alviverde. "Você já está me alcançando, hein, Dudu", disse o veterano camisa 10, antes do encontro histórico promovido por PLACAR para esta edição 1500 da revista.

Dudu e Ademir, dez letras que há décadas fazem os palestrinos se emocionarem. No anos 1960 e 1970 houve um outro Dudu, Olegário Tolói de Oliveira, o volante que carregava o piano para o Divino brilhar, amigos de toda a vida. O goiano Eduardo Pereira Rodrigues, o Dudu de agora, é, desde 2015, a alma de um Palmeiras que de tão dominante ganhou a alcunha de Terceira Academia. Já são 11 taças conquistadas pelo "Baixola", como é conhecido pelos colegas, incluindo três Campeonatos Brasileiros e duas Libertadores da América, sempre com protagonismo nos momentos decisivos. Segundo as contas do próprio clube, que inclui o Torneio Laudo Natel, uma competição amistosa, entre as taças a serem consideradas, o recorde ainda pertence a Ademir e seu contemporâneo Junqueira, com 12 conquistas. "É uma honra estar me aproximando dos feitos do senhor, seu Ademir", diz, com ternura, o terror dos marcadores da atualidade. A conversa entre o divino e o infernal aconteceu no Palazzo Verde, um museu dedicado aos 109 anos de história do Palmeiras, localizado em uma antiga propriedade do Conde Francisco Matarazzo, em frente ao velho Palestra Itália, atual Allianz Parque. Ademir chegou animado, de carona com um velho parceiro, César Maluco, o segundo maior artilheiro do Verdão, com 182 bolas na rede. "Ele só está aqui por minha causa, meus gols que o deixaram famoso", brincou César.

Explosivo em campo, reservado na intimidade, Dudu se mostrou emocionado ao realizar o tour no museu e rever sua própria história em vídeos, camisas, bolas e, especialmente, troféus. "Até agora não caiu a ficha de tudo que estamos construindo, é uma história bonita", diz. "Assim como o seu Ademir já escreveu a história dele, e se passaram 50 anos e até hoje ele é lembrado, acho que só vou

Momento de virada: Dudu fez dois gols na final da Copa do Brasil contra o Santos, em 2015, o ponto da carreira no Verdão de que ele se orgulha

ALEXANDRE BATTIBUGLI

saber a dimensão do ídolo em que me transformei para a torcida palmeirense no futuro." Octogenário, completamente lúcido e ainda em atividade, pois costuma rodar o interior paulista para bater uma bola com a equipe de masters do Verdão, o velho ídolo de cabelos brancos rejeita qualquer tipo de ciúme com a possibilidade de ter suas marcas superadas. "É bom para mim, pois meu nome segue sendo falado depois de tanto tempo. Logo, logo o Dudu vai me passar em número de títulos, isso é importante, um sinal de que o Palmeiras segue ganhando e nossa torcida está contente", diz o ex-jogador nascido no Rio de Janeiro, revelado pelo Bangu, e que desde que conheceu o bairro da Pompeia nunca mais o abandonou. A troca de gentilezas foi constante e genuína, e Dudu pareceu contagiado pela fleuma que sempre caracterizou Ademir.

Justiça seja feita: desde que retornou de uma breve passagem pelo Al-Duhail, do Catar, entre 2020 e 2021, Dudu amadureceu, deixou de reclamar tanto com a arbitragem e demonstra uma liderança mais serena. Explosões? Só para arrancar com a bola e enfileirar marcadores. Segundo dados internos do clube, o camisa 7 é o jogador mais veloz do elenco, com piques que ultrapassam os 37 km/h. " Dudu está conseguindo melhorar o futebol dele. É muito rápido, dá dribles que ninguém entende, e o mais importante é que os gols saem", diz Ademir. "O jogador tem que entender que ele pode sempre melhorar. Eu era um jogador técnico, mas não tinha essa velocidade. Então procurei treinar e entender meus pontos fracos. Vejo Dudu fazendo coisas que não fazia no passado e a torcida está do lado dele." O goiano consente. "Todo jogador quer sempre vencer, mas tinha alguns comportamentos que eu tinha de mudar, como essa questão de tomar muitos cartões", afirma. "Felizmente agora eu me preocupo só em ajudar o Palmeiras, seja com passe, seja com gols. De 2015 para cá me transformei em um jogador melhor e também uma pessoa melhor."

Clube nenhum do mundo se tornaria gigante sem a presença de equipes concorrentes à altura. Ademir e Dudu sabem bem disso e exaltam as grandes rivalidades do futebol paulista e brasileiro. O veterano travou embates históricos contra o Corinthians de Roberto Rivellino, o São Paulo de Pedro Rocha e, especialmente, o Santos de Pelé. "Dependia muito da época, houve um tempo em que para nós o mais gostoso era ganhar do Santos, do São Paulo, do Inter, do Cruzeiro... Mas para a torcida sempre foi do Corinthians. Nos diziam nas ruas: pode até perder o campeonato, mas não pode perder para o Corinthians", relembra Ademir, que cumpriu o clamor popular à risca. O Timão não ergueu um troféu sequer durante a era Ademir. Chegou perto disso em 1974, mas sucumbiu no Dérbi que decidiu o Paulistão, 1 a 0, gol de Ronaldo, no jogo que

A "Segunda Academia": para o Divino, o ano de 1972 o eternizou na história alviverde: "ganhamos tudo"

LEMYR MARTINS

marcou a despedida melancólica de Rivellino. Ironicamente, o tabu só seria quebrado em outubro de 1977, um mês depois de Ademir pendurar as chuteiras, com problemas respiratórios, aos 35 anos. Na edição 380 de PLACAR, de 5 de agosto de 1977, até mesmo Vicente Matheus, o folclórico presidente alvinegro, se mostrava contrário à aposentadoria de Ademir: "Sei que sem ele no Palmeiras as coisas ficariam mais fáceis para o meu time, mas torço para ele ficar. Nosso futebol precisa de craques como ele", cravou Matheus. Mas Ademir parou e os papéis se inverteram: foi o Palmeiras quem enfrentou uma longa fila, de 17 anos, de 1976 até a conquista do Estadual de 1993, em novo clássico diante do Corinthians. Coincidência ou não, Ademir pisou no gramado do Morumbi naquela tarde. O craque cita 1972 como seu ano inesquecível e repete a formação eterna sem titubear. "Leão, Eurico, Luis Pereira, Alfredo, Zeca, Dudu, Ademir, Edu, Leivinha, César e Nei. Ganhamos os cinco campeonatos que disputamos, foi espetacular."

Dudu, por sua vez, tem uma relação ainda mais intensa com os rivais, inclusive diplomáticas. Quando passa férias nos Estados Unidos, viaja usando um visto emitido e pago às pressas pela diretoria do Corinthians, que esperava contar com o reforço para a Flórida Cup de 2015. Era janeiro daquele ano quando o Timão ficou a uma canetada final de contar com o então destaque do Grêmio, revelado pelo Cruzeiro e vinculado ao Dínamo de Kiev. O São Paulo entrou na parada e ficou perto do acerto. Eis que um duplo "chapéu" do Verdão, que vinha com o moral baixíssimo — por pouco não havia sido rebaixado no ano de seu centenário — e acabara de firmar a parceria de sucesso com a Crefisa, mudou para a sempre o destino do futebol paulista. Fim da novela: Dudu é do Verdão; o resto é história. O camisa 7 também aponta o Corinthians como o inimigo favorito, "é o jogo em que todo mundo dá um algo a mais", mas guarda as melhores lembranças de um clássico diante do Santos, na final da Copa do Brasil de 2015. Delírio completo no Allianz, 2 a 1, depois de ter perdido o primeiro jogo por 1 a 0, na Vila Belmiro. "Foi uma virada para o clube, por toda a rivalidade que se criou, pelos meus dois gols, foi muito marcante", diz. Comparável até mesmo ao título da Libertadores de 2021, em Montevidéu. "O sonho de todos é ganhar a Libertadores, e se tornou ainda mais especial por ser contra o Flamengo, com quem vínhamos de grandes disputas." Ademir ouve atentamente e brinca sobre a final de Libertadores de 1968, numa derrota diante do Estudiantes, da Argentina. "Nessa época não tinha o VAR, né... Eles faziam gol impedido e eles davam", diz, citando uma suposta mãozinha da arbitragem em favor dos vizinhos.

Uma infeliz coincidência, contudo,

EDIÇÃO 179 - 17 DE AGO. DE 1972

O velho parceiro: Ademir e o outro Dudu, Olegario Tolói de Oliveira, formavam – sem dúvida alguma – a mais elegante dupla de meio-campo do Brasil no final dos anos 1960 e início dos 1970. Era uma beleza vê-los em campo

marca a trajetória dos ídolos. Apesar de consagrados em território nacional, Ademir e Dudu receberam poucas chances na seleção brasileira – o primeiro atuou em 14 jogos e o segundo, em apenas três. Ademir revela que o desejo de vestir a amarelinha foi o maior combustível de sua carreira. Em diversos momentos do papo, ele cita o pai, o espetacular zagueiro Domingos da Guia, ídolo de Vasco, Boca Juniors, Flamengo e Corinthians nas décadas de 30 e 40, seu maior incentivador, o "Divino Mestre", de quem herdou o apelido e a classe. "Meu pai esteve no Mundial de 1938 na França, e eu tinha um desejo muito grande de também disputar uma Copa. Hoje notamos que os brasileiros não dão mais a importância à seleção como antes, os jogadores estão todos lá fora, às vezes nem conhecemos quem é, então ficou um pouco mais distante. Mas acho fundamental o Palmeiras estar sempre levando dois ou três jogadores para a seleção brasileira", diz Ademir, dando a deixa para o caso de Dudu. "Eu ficaria muito feliz de ter disputado uma Copa do Mundo e outras competições pela seleção, mas sinceramente não troco minha história por nada que estou construindo pelo Palmeiras", afirma o 7.

Uma viagem aos arquivos de PLACAR, porém, pode servir de incentivo ao atual ídolo. Na edição de 3 de novembro de 1972, o Divino parecia ter jogado a toalha sobre as chances de receber um chamado de Zagallo. "Eu não vou, não devo e nem quero ser convocado. Não vou porque, se não me deram uma oportunidade no México, é que não vão me dar na Alemanha", desabafou. No entanto, ele realizaria seu sonho de disputar uma Copa dois anos depois, aos 32 anos – embora só tenha sido chamado a campo na disputa do terceiro lugar, contra a Polônia, que venceria. Na próxima Copa, em 2026, Dudu terá 34 anos. "Enquanto estiver num grande clube, não podemos desistir, mas sei que é um sonho distante. Tenho de fazer o melhor no meu dia a dia no Palmeiras, isso é o que vai me credenciar", desconversa o atacante preterido por Tite.

Como em outros encontros promovidos por PLACAR em seus 53 anos de vida, relembrados nas páginas que seguem, o clima foi de total leveza. Sobre as brincadeiras de rivais a respeito de o Palmeiras ter ou não um título mundial, a dupla ressaltou a importância da Copa Rio de 1951, e disse não se importar com questões de nomenclatura. "As piadas não vão parar e o futebol é bom por isso, você ganha hoje, perde amanhã, fala do juiz, do VAR, o futebol movimenta toda essa coisa. Houve uma festa espetacular no Maracanã em 1951 e tenho certeza de que vamos disputar o Mundial mais vezes", diz Ademir. "Tive a oportunidade de jogar uma final [contra o Chelsea], foi uma das derrotas mais dolorosas porque tivemos a sensação de que estava na nossa mão e deixamos escapar, mas sempre falo com meus companheiros que vamos voltar e, se Deus quiser, conquistar", completa Dudu. "Que continue como está, os rivais falando do Mundial e nós ganhando tudo."

O Alviverde segue imponente e é mesmo provável que Dudu iguale e talvez até supere o recorde de títulos de Ademir num futuro próximo. Há, no entanto, outra marca que dificilmente será superada, e que o Divino admite que não pretende perder: a de 902 jogos pelo clube, mais que o dobro de Dudu. "Quando ele estiver com uns 800, eu falo para ele: Dudu, está na hora de ir jogar no Marrocos", sorri Ademir. "O senhor pode ficar tranquilo. Espero me aposentar aqui, mas 902 jogos é muito difícil de chegar. E o respeito, amor e carinho que o torcedor tem pelo senhor será eterno", responde Dudu. Houve tempo para um delicado afago final: "Dudu, eu vou sair em mais uma capa da PLACAR, devo ser o recordista, quero saber se você também vai chegar lá...". Pelas nossas contas, com esta edição histórica, o placar está em 20 a 9 em favor do Divino. Será que dá tempo? A seguir os versos de João Cabral que abrem esta reportagem, sim. Basta a Dudu, como Ademir, ir no "ritmo morno, de andar na areia, de água doente de alagados, entorpecendo e então atando o mais irrequieto adversário". ■

É MUITO PROVÁVEL QUE DUDU IGUALE E TALVEZ ATÉ SUPERE O RECORDE DE TÍTULOS DE ADEMIR NO FUTURO PRÓXIMO

LENDAS ALVIVERDES

Ademir da Guia

1962 a 1977

Jogos **902** | Gols **155**

12 Títulos

5
Campeonatos Brasileiros
1967, 1967*, 1969, 1972 e 1973

5
Campeonatos Paulistas
1963, 1966, 1972, 1974 e 1976

1
Rio-São Paulo
1965

1
Torneio Laudo Natel
1972

*Em 1967, o Palmeiras conquistou o Robertão e a Taça Brasil, que posteriormente seriam reconhecidos pela CBF como um Campeonato Brasileiro

JOSÉ PINTO

Dudu
desde 2015

Jogos **419** | Gols **87**

11 Títulos

2
Libertadores
2020 e 2021

3
Campeonatos Brasileiros
2016, 2018 e 2022

3
Campeonatos Paulistas
2020, 2022 e 2023

1
Copa do Brasil
2015

1
Recopa Sul-Americana
2022

1
Supercopa do Brasil
2023

*Os números do jogador foram contabilizados até o fechamento desta edição, em 29 de maio de 2023

ALEXANDRE BATTIBUGLI

JOGADOR TAMBÉM É GENTE

Em 1971, PLACAR pôs frente a frente Pelé e Afonsinho, um jovem e polêmico atacante que despontava no futebol brasileiro, para debater formas de melhorar as condições de trabalho dos jogadores profissionais no país

Michel Laurence e Aristélio Andrade, com fotos de **Lemyr Martins**

Foi em São Paulo. Afonsinho, um rapaz barbudo, cabeludo, de ideias revolucionárias, e Pelé, um homem inteligente, profundo conhecedor do futebol, já em fim de carreira, discutiram vários problemas da vida de um jogador profissional. Não foi fácil chegarem a uma conclusão sobre o que precisa ser feito para melhorar as condições da classe, mas o ponto de partida emerge do diálogo: unir os jogadores de futebol em torno de seu sindicato (e de uma Federação Nacional) e, principalmente, conseguir do governo federal a regulamentação da profissão. Afonsinho e Pelé querem que o jogador comum, que não ganha os salários do craque, deixe de ser um marginal.

PLACAR – O que vocês acham da lei do passe?

Afonsinho - Bem, o problema é um só: não podemos discutir problemas parcelados da profissão se não existe a regulamentação dessa profissão, se não existem leis para ela.

Pelé - É verdade. Como pode ser enquadrado o jogador de futebol, se sua profissão não é nem mesmo reconhecida pelas leis do país? Não existe nenhuma base feita para que sejam apontadas soluções.

Afonsinho - O jogador, apesar de ser um profissional, é um marginal. Um marginal que só excepcionalmente ganha muito bem. Segundo uma pesquisa de vocês mesmos, apenas quarenta jogadores, num total de 6000 e qualquer coisa, ganham razoavelmente bem.

Pelé - Além de ser uma classe muito desunida. A gente não consegue reunir todos os jogadores em torno de uma causa, de uma ideia. Não se consegue nem mesmo reuni-los em torno do sindicato aqui em São Paulo.

Afonsinho - Nós temos que lutar para que a classe, por inteiro, seja favorecida. Eu poderia ficar satisfeito porque consegui resolver o problema do meu passe, mas não é isso que eu quero. Quero que todos estejam protegidos.

Pelé - Mesmo tendo melhorado muito, a nossa classe continua formada na maioria por gente humilde, que ainda não tem uma mentalidade de classe formada.

O cabeludo (à esq.), que jogaria pelo Santos em 1972, e o rei: ideias de mãos dadas

Afonsinho e Pelé, no bate-papo promovido pela revista: à procura de uma solução que, eles já sabiam na época, tinha por objetivo beneficiar os jogadores profissionais no futuro

EDIÇÃO 90 - 3 DE DEZ. DE 1971

O Brasil vivia o tempo da ditadura militar. Levar para as páginas da revista uma discussão trabalhista sobre o futebol foi um gesto de coragem – e de repercussão

Afonsinho - Verdade. A grande maioria dos nossos colegas não consegue alcançar a profundidade do problema. Nossa carreira é muito curta, e isso obriga a pessoa a pensar em termos imediatistas, em soluções breves. Está muito preocupada em tirar o máximo possível dessa carreira efêmera para pensar no que pode lhe acontecer no futuro.

Pelé - Tem mais. Quando fomos falar com o presidente da República, muita gente deturpou, dizendo que estávamos argumentando em causa própria. Ao contrário, eu fui pedir em favor da regulamentação da profissão de jogador de futebol.

Afonsinho - Se não existe a profissão de jogador, como é que alguém pode se aposentar por sofrer um acidente nessa profissão? Por isso a iniciativa tem de partir desses jogadores que ganham mais, esses quarenta aí que PLACAR falou.

Pelé - Você, Afonsinho, como estudante, é que está certo. Eu tentei fazer a Escola de Educação Física em Santos. Mas aí percebi que o importante não era me formar, mas saber. Por isso, parei. Mas vou continuar mais tarde. Todo jogador deve estudar, para depois ter outra profissão.

Afonsinho - É difícil fazer os jogadores perceberem isso. Eu mesmo cheguei a ficar em dúvida se continuava a jogar enquanto estudava, quase desisti do futebol. Mas, com o passe na minha mão, consegui equacionar as duas coisas. E você, Pelé, vai mesmo parar de jogar?

Pelé - Vou, dentro de três anos.

Afonsinho - Você vai aguentar?

Pelé - Acho que vou. Se parasse agora, acho que não aguentaria. ■

Flávio (Pelotas), Bebeto (Caxias), Dario (Inter) e Alcindo (Grêmio): na soma das idades, 125 anos de experiência para fazer gols

OS ESPECIALISTAS

A experiência, a malandragem, a catimba. Da importância da preparação física ao preconceito contra os trintões, quatro grandes artilheiros contam como é ser centroavante e goleador – com direito a comentários do mestre Telê Santana. Em 1977, PLACAR reuniu Flávio, Bebeto, Alcindo e Dario no gramado do Olímpico para um encontro imortalizado nessa maravilhosa foto

Divino Fonseca, de Porto Alegre, com fotos de **JB Scalco**

Passados dos 30, movimentam-se pelos gramados gaúchos. Suas histórias estão escritas. Eles correm envolvidos numa atmosfera de mistério e lenda. Velhos artilheiros: 125 anos na soma das idades, 52 de carreira. Juntos, mais de 2000 gols. Na idade em que a maioria age em função da aposentadoria, Flávio (32 anos, do Pelotas), Bebeto (30 anos, do Caxias), Alcindo (32 anos, do Grêmio) e Dario (31 anos, do Inter) seguem firmes no ofício de marcar gols. Uma categoria à parte: a dos especialistas bem pagos, mimados pela torcida e pelos dirigentes. Se a tabela mostra Flávio liderando e ainda não aponta os outros logo a seguir, terá razão Dario: "O velhinho está guardando o gás para o final".

Dos quatro, talvez seja Flávio o que melhor encarna a figura do especialista, do profissional bem conceituado. Não se oferece. Fica em casa esperando o chamado para resolver uma situação de emergência. Pega as chuteiras de estimação e se vai. Os colorados lembram bem. O Internacional foi buscá-lo no Porto em 1975, faltando um turno para o Campeonato Gaúcho terminar. Flávio marcou os gols nas horas decisivas, deixou sua marca no hepta e, para encarreirar, acabou como artilheiro do Campeonato Brasileiro.

Depois, acharam que ele não tinha mais nada a dar e o dispensaram. Com o passe na mão, em outubro do ano passado recebeu um convite do Pelotas. Pois Flávio, depois de classificar o time para o campeonato, acaba de fechar o primeiro turno como artilheiro, com 11 gols em 13 jogos.

Não foi um convite comum. Ofereceram-lhe o que um artilheiro com sua biografia merecia: um ordenado fixo, participação nas rendas, mais um tanto para entrar em campo. Ele não revela quanto isso dá, mas dizem na cidade que passa dos 20 mil cruzeiros por mês.

Na verdade, Pelotas deu-lhe mais: o aluguel de um confortável apartamento no Hotel Estoril e, o que parece mais importante, uma apaixonada idolatria. Ele faz palestras na Escola de Educação Física, de vez em quando comenta futebol no rádio e, quando anda pelas ruas, recebe abraços, tapinhas, abanos.

– É o nosso Flávio – exclamam com orgulho.

No campo, é poupado de críticas quando joga mal; e carregado nos ombros ao fim de suas habituais atuações. Isso parece ser o mais importante, porque Flávio sente vontade de retribuir mais do que com gols.

Bem como a história do mercenário que é contratado para executar uma missão e se apaixona pela causa. Um dia desses, por exemplo, o técnico e preparador físico Júlio Arão demitiu-se e o clube entregou esses

encargos ao massagista e tapa-buracos Geraldo Saldanha. Flávio achou-se na obrigação de ir ao Internacional pegar dicas com Gilberto Tim – e de ele mesmo comandar a ginástica. E das duras.

– Vamos lá, força, força – grita enquanto saltita e levanta a perna à altura da cabeça. Às vezes se desola, ao ver jogadores bem mais jovens do que ele fazendo corpo mole.

Os dirigentes o recebem em sua sala, dão satisfações, pedem opiniões; e Flávio comenta que isso é bem o contrário do Inter que encontrou na volta – já grande, uma potência –, onde cada dirigente tem sua sala e só recebe o jogador na hora do contrato. Às vezes pega a janta na casa de seu amigo Getúlio, que fica ali mesmo, ao lado da arquibancada, e demora-se batendo longos papos com a família. Diz que se sente bem assim. De certa forma, é uma volta à sua origem humilde.

Mas não nega que esperava ter ficado mais uns dois anos no Internacional. Chegou a sonhar com uma festa de despedida ao estilo europeu, uma seleção de jogadores de toda parte jogando contra o Inter, ele dando a volta olímpica na pista do Beira-Rio. Depois, sim, sairia para fazer o interior, viver a lenda.

– Mas não tem importância – diz, sinceramente bem-humorado e conformado. – O futebol tira de um lado e dá do outro.

No campo é que não se nota bem essa espécie de lei da compensação esportiva. Com o fôlego contadinho para os 90 minutos, não se desloca mais para as pontas, nem recua. Fica ali, rondando os beques. Como capitão do time, grita com todos e aponta. De repente, a bola pinga na área e já está lá dentro. Flávio sai para os abraços.

– Sabe, nessa idade a gente deve estar consciente não só das próprias limitações, mas também das dos companheiros. O Francisco, nosso ponta-direita, por exemplo. Lá para o fim do jogo, eu já sei que ele não tem mais força, que vai largar bola curta. Aí, corro e me antecipo ao beque. Quantos gols já fiz assim!

Telê, que foi seu técnico no Fluminense, diz que viu poucos jogadores com o sentido de colocação de Flávio. Há dezesseis anos no ofício, Flávio lembra que no começo corria para todos os lados do campo, esbanjando energia, impaciente porque não lhe passavam a bola.

– Achava que estava me prejudicando se não aparecesse em todas. Depois aprendi que o principal é ter paciência e colocação. Impossível que o beque não falhe uma vez em 90 minutos.

A sabedoria de Flávio tem sido fatal a muitos times. Mas o Brasil, o rival da cidade, é freguês. Num amistoso do início da temporada, o Pelotas ganhou de 3 a 0, três gols de Flávio. Foi sorte, disseram uns torcedores. No clássico seguinte, pelo campeonato, chamavam-no de velho e gritavam, em tom de gozação:

- Flaaaaaaaavio.

Dois a zero, dois gols de Flávio. No último jogo entre os dois, o Brasil saiu ganhando. E a torcida, ressabiada, pedia silêncio quando alguém ensaiava o grito. Mas, faltando meio minuto para o jogo terminar, todos se soltaram:

- Flaaaaaaaavio.

Bate-bola antes de fazer pose para a foto principal: firmes no ofício de colocar a bola na rede

QUANDO O PREPARADOR FÍSICO SE DEMITIU, FLÁVIO FOI PEGAR DICAS COM GILBERTO TIM E LIDEROU O TREINO

EDIÇÃO 371 – 3 DE JUN. 1977

Na semana em que Roberto Dinamite fez o gol do bicampeonato da Taça Guanabara para o Vasco, os quatro atacantes gaúchos também faziam bonito na capa da revista

Nesse exato instante, o beque do Brasil estirou-se no ar para rebater de bicicleta e furou. Flávio estava na jogada e, como quase sempre, não deu perdão.

– Acordamos o velhinho – puniam-se os torcedores.

Bebeto está sentado no túnel do Caxias, olhando as torcidas que tomam lugar no Beira-Rio. Para esse jogo decisivo contra o Internacional, o técnico Marco Eugênio resolveu deixá-lo na reserva, pensando em segurar o adversário no primeiro tempo com um esquema mais defensivo.

– Não me importo. O técnico sabe o que faz, e só não saio jogando hoje porque é uma ocasião especial. Mas sei que sou titular. No Inter, depois que compraram o Joãozinho Paulista, senti que nem no banco ficaria. Por isso pedi para sair. Meu negócio é jogar, não importa onde.

O primeiro tempo termina com o Inter vencendo por 1 a 0. O Caxias volta para o segundo com Bebeto. Logo aos 4 minutos, ele entra na área, ajeita a bola para o pé esquerdo, corta Vacaria e, com o direito, chuta no canto e empata.

O jogo de domingo retrasado, depois de muitas alternativas, acabou com a vitória do Inter por 3 a 2. E com muita gente achando que, se Bebeto tivesse jogado desde o início, a história bem poderia ter sido outra. Estava confirmada mais uma vez a lenda desse artilheiro que há onze anos vem apavorando defesas no Rio Grande do Sul.

Um artilheiro que, no entanto, já teve uma chance no Grêmio, duas no Inter – e nunca conseguiu confirmar a fama. Bebeto, diz-se, é um dos melhores centroavantes do país, mas seu futebol não serve para time grande. Qual é o mistério?

– Não há mistério nenhum. É como eu dizia antes daquele jogo. No Caxias, sei que sou útil, sei que confiam em mim. Lá, parecem saber melhor do que no clube grande que o gol tanto pode sair no começo como no fim do jogo. Quando a coisa está difícil, aí é que eles confiam mais em mim. No meu tempo de Gaúcho também era assim. Por isso é que já marquei, dizem, mais de 400 gols nesses onze anos.

Telê observa Flávio, Bebeto, Alcindo e Dario se fardando no vestiário do Grêmio para fazerem, juntos, a foto que ilustra esta reportagem. Diz, com indisfarçável orgulho, que foi técnico de três deles. E acrescenta que gostaria de ter trabalhado também com Bebeto.

– Gosto muito dele. Mas que gozado esse rapaz, não é? Só por aquele gol de ontem se nota que aí está um grande artilheiro. Mas não dá sorte em time grande.

Bebeto continua explicando:

– Não é tanto caso de sorte. Quando vim para o Grêmio, aqui estava o Alcindo. No Inter, aí está o Dario. E o artilheiro, meu amigo, precisa se sentir o dono da boca, saber que é tudo com ele. Senão, não rende. Agora mesmo, no Inter, com todo o respeito que tenho pelo Dario, estou certo de que ganharia a posição se me escalassem em três jogos seguidos.

Sua mobilidade não é mais a mesma. Como os outros do ofício, não vai em todas – usa a experiência. Mas, próximo de completar 31 anos, afirma que não foi por falta de pernas que saiu do Inter: acompanhava toda a física do Tim.

– O certo é que nunca mais vou ter chance em um time grande. Agora terminou. Paciência. Mas não é ruim ser ídolo no interior, sabe? Eu, pelo menos, me sinto em casa. Fui para o

Dario: "Não me pergunte quantos gols já fiz. Talvez 700. Rei Dadá não conta, é um artilheiro desprendido"

Caxias porque pedi. Ganhando o mesmo ordenado.

É em casa, com a alma leve, que Bebeto vai marcando seus gols. Até agora são cinco, com o desconto de que foi para o Caxias com o campeonato a meio. E com um detalhe que distingue os artilheiros: faz gols em jogos importantes. O Caxias já ganhou duas vezes do Juventude, no clássico da cidade, ambas por 1 a 0. E ambas com gol de Bebeto.

Certa vez, o time de juvenis do Internacional juntou Flávio e Alcindo no ataque. Resultado: 104 gols em um só campeonato. O que seria essa dupla nos profissionais – com Flávio de meia-direita, vindo de trás – ficou por conta da imaginação, pois logo depois o Grêmio roubava Alcindo, para dominar o futebol gaúcho até 1968.

Alcindo, o "bugre chucro", foi para o Santos em 1971. Em 1973, transferiu-se para o México. Lá, jogou no Jalisco, de Guadalajara, e, ultimamente, no América, da Cidade do México.

– Fui artilheiro em todos, menos no Santos, e não preciso explicar por quê.

Seis anos depois de perder Alcindo, o Grêmio tenta repetir o fenômeno da volta de Flávio ao Internacional. Pagou inclusive a mesma quantia para recontratá-lo, a bagatela de 20 mil dólares. O preço animou os dirigentes a arriscar, pois na verdade não levavam muita fé na recuperação do gordo – sete quilos a mais – e veterano artilheiro. Algumas semanas para perder peso, e Alcindo surpreendia: desbancava Zequinha, que tinha sido a grande estrela da excursão pela América no início da temporada. Para tê-lo no time, Telê deslocava Tarciso para a ponta-direita – o que de certa forma confirmava a ideia de que, desde a saída do próprio Alcindo, em 1971, o Grêmio não tinha encontrado um centroavante.

– Ele marcou poucos gols, três até o fim do primeiro turno, e isso porque jogou bem menos do que os outros artilheiros – justifica Telê, lembrando algumas lesões que o tiraram do time. – Mas é importantíssimo porque conhece a posição e serve ao esquema. Me arrisco até a afirmar que ele, hoje, tem mais colocação do que seis anos atrás.

Com quinze anos de profissão, ele só não perdeu a periculosidade na área: fala mais devagar, sente-se mais tranquilo e demonstra idealismo em tudo.

– Sou como qualquer pessoa que envelhece mas quer provar que ainda é melhor que os jovens, entende? É normal, e não fujo à regra. O importante, nessa fase, é o cara não enganar a si próprio. Vou saber a hora de largar, sabe quando? Quando começar a reclamar dos companheiros. Sim, porque aí, se eu fico vendo os defeitos dos outros, é porque não vejo os meus. Mas, por enquanto, só cuido da bola, só cuido de mim. Acho que artilheiro é isso.

O quarteto no velho Estádio Olímpico do Grêmio: mimados pela torcida e pelos dirigentes, segundo a reportagem de PLACAR

COM FLÁVIO E ALCINDO NO ATAQUE, O TIME DE JUVENIS DO INTER MARCOU 104 GOLS EM UM SÓ CAMPEONATO

Artilheiro, para ele, nasce feito. É da categoria dos ruins, que nada sabem fazer e escolhem uma das duas posições: goleiro ou centroavante.

– O artilheiro pega um lustrozinho, se acostuma com a área e pode passar muitos anos fazendo a mesma coisa sem que os beques possam impedir. Não joga nada mas faz gols.

Orgulha-se de pertencer a essa categoria e jura que jamais fará como outros, que quando sentem o peso da idade recuam para armar o jogo.

– O que eu iria fazer lá atrás? Dominar na canela? Passar vergonha? Nunca.

Cala-se, fecha os olhos de índio e recorda o tempo em que era um dos melhores. Lembra a grande mobilidade, os piques, os gols. Era conhecido também como um grande catimbeiro. Afirma que muita gente ia aos Gre-Nais só para ver suas malandragens contra Gainete e Scala.

– Hoje, preciso dosar as energias, usar a experiência que adquiri. Catimba? Hoje os próprios clubes estão punindo. E não vejo mais graça. Quando garotão, achava que uma expulsão só prejudicava a mim. Hoje preciso pensar no time.

Quantos gols Alcindo já fez?

– Nunca soube. E nem me interessa. De qualquer maneira, não vou ultrapassar o Pelé, não é? Quero é continuar fazendo.

Santos chegou do Recife botando banca:

- Corro mais do que você, Dadá.

Dario riu e propôs uma aposta.

- Cem metros. Vale mil cruzeiros.

Santos percebeu no companheiro toda aquela confiança e arrepiou. Como se veria depois, não valendo nada, seria o dinheiro mais fácil que Dario teria ganhado na vida.

Quem o vê jogar seguidamente pode comprovar: no mínimo quatro daqueles lances em que se desloca para a esquerda, toca a bola na frente e ganha do beque na corrida ele ainda faz numa partida. Aos 31 anos, e chutando a aposentadoria para um futuro desconhecido, Dario é, pelo menos entre os quatro velhinhos, o centroavante mais veloz. Explicação?

– A minha boa condição orgânica. O cuidado que Rei Dadá tem com o físico. Mas vamos ser sinceros: não sou mais aquele. Anos atrás, eu me dava o luxo de só correr para cansar o beque.

O médico José Mottini, do Inter, jogou futebol – inclusive com Flávio e Alcindo. Ele acha que a razão de os principais artilheiros gaúchos serem esses veteranos é uma só: eles se cuidam.

– O Flávio toma seu uísque de vem em quando? E daí? De vez em quando não faz mal. Mas ele dorme e se alimenta bem e nunca foi visto matando a física. E veja como o Dario se emprega dos treinamentos. Não perde para ninguém.

Telê observa Dario se salientando entre os outros artilheiros pela loquacidade. E ri.

– Esse é um fenômeno. Não bate falta, não bate pênalti. Tem o chute desse tamanhozinho e é goleador. E está melhorando. Agora já mata bola no peito. Mas, falando sério, ele sempre teve uma qualidade essencial do centroavante: na área, é completamente frio.

Se não corre tanto como antigamente, Dario acha que desenvolveu essa qualidade ao longo dos dez anos de profissão. Está cada vez mais frio.

– E lamento que a frieza tenha influído até na minha maneira de ser. Rei Dadá, hoje, vibra menos com um gol, já notou? Sei lá por quê, talvez pela quantidade. Vai se tornando uma coisa mecânica. E não me pergunte quantos já fiz. Talvez 700, por aí. Rei Dadá não conta. Rei Dadá é um artilheiro desprendido.

Sempre sincero, sempre exigente consigo, afirma que, graças à experiência, ainda é o mesmo goleador terrível de sempre, mas logo acrescenta que não anda justificando totalmente a fama. Fala em azar, mas se corrige:

– Não é bem isso. Num time mais modesto, as chances que aparecem numa partida são poucas. Então você está sempre ligado, pronto para aproveitar, porque sabe que pode não vir outra. Aqui, não. Aqui chove chance de gol. E Rei Dadá está perdendo muitas. Meio que relaxa, por saber que outras virão, e perde muitos gols.

Mas estaria mesmo Dario perdendo a motivação, com essa frieza e esse certo relaxamento?

– Não é bem assim. Motivação eu sempre vou ter, cada vez mais. Sabe por quê?

Faz suspense. Por fim, sai-se com uma bela explicação:

– Existe muita prevenção contra o jogador trintão neste país. Aqui, o velhinho vale pouco, passou dos 30 já está acabado. Então, cada gol que eu faço sinto como se fosse um gol nesse preconceito. Vou ser mais uma vez o artilheiro do campeonato por isso. ■

A IMBATÍVEL ZAGA DA SELEÇÃO

A convite de PLACAR, Oscar e Amaral, cracaços da defesa no final dos anos 1970 e início dos 1980, mostraram muita disposição de não dar chance a ninguém, adversários ou reservas

José Maria de Aquino

A dupla fundamental para a canarinho a caminho da Copa: começo de carreira nos campineiros Guarani e Ponte Preta

MANOEL MOTTA

Um dia, garotos ainda, Amaral e Oscar treinaram juntos nos juvenis do Guarani. Eles nem se lembram mais disso, até porque tiveram de seguir caminhos diferentes para chegarem ao mesmo objetivo: Amaral subiu no próprio Guarani, Oscar encontrou vaga na Ponte Preta. Muitas esperanças depois, ambos se encontraram na seleção e integram o quarteto de craques que Cláudio Coutinho considera indispensáveis e titulares, ao lado do goleiro Leão e do atacante Zico.

A 40 dias da primeira convocação da seleção, após a Copa (para amistoso contra o Paraguai, a 17 de maio), Amaral e Oscar estão rigorosamente tranquilos. Tão tranquilos que não admitem ficar de fora, se depender de seu futebol:

– Uma nova convocação – explica Oscar – será uma recompensa pelo que fizemos na Copa. Mas não devemos nos acomodar, porque ninguém é dono da posição, na seleção.

– É – continua Amaral. – Sempre aparece alguém na sombra. Quando chega a época da convocação, todo mundo sobe de produção. Por isso, nem no clube admito dar chance a outros. Quem está embaixo só espera uma oportunidade. Quando a

oportunidade aparece, eles sobem pra valer.

Os tempos mudaram. Para melhor, é claro. Há dois anos, Oscar era apenas uma possibilidade, pois o dono da 3 era Luis Pereira. Amaral, nessa altura, já era titular, posição que assumiu em inícios de 75, quando uma seleção mineira representou o Brasil na Copa Atlântico. Com a soma de suas experiências, Oscar e Amaral não têm medo do futuro. Nem da reserva:

— Numa seleção não se pode dizer "quero jogar" e fim — afirma Oscar. — No máximo, o jogador tem que dar tudo, dentro de campo, para garantir a sua. Então, não posso me impor no grito.

— O Oscar disse bem — apoia Amaral. —Quando ele chegou na seleção, aliás, foi mais feliz que eu, pegou uma turma bem mais consciente do que a que eu peguei na minha primeira convocação. Esse ambiente é muito importante: quanto melhor, mais fácil para o novato se firmar, ter tranquilidade. Em 78, o ambiente era sensacional. Não trouxemos a Copa, mas o ambiente era demais. Prova disso foi a luta que o pessoal fez para normalizar a situação do Dirceu. Isso tudo deixa o jogador contente, ele se sente apoiado pelos que estão no banco. Então, mesmo que eu não jogue. vou torcer pelos que jogarem.

A Copa não foi uma decepção? Oscar acha, como todo mundo, que o Brasil perdeu o caneco em Rosário, na partida contra a Argentina. Clima de intimidação, fora e dentro de campo, ele decidiu topar o desafio:

— Na véspera, eu só consegui dormir às 3h, por causa do barulho. No jogo, o Luque veio me beliscar logo no início — não sei se fez isso também com o Amaral. Eu estava ciente do que ia enfrentar, e encarei.

Não faltou coragem ao Brasil, nessa partida? — Bem, em matéria de ir pra frente, fazer isso ou aquilo em campo — responde Oscar —, a gente não pode optar por nada, também porque somos membros da equipe, e ficaria mal distorcer a ideia do treinador. Acredito que, se a gente tivesse vencido a Argentina, decidiria a final, mesmo.

— O Oscar foi bem sincero — completa Amaral — quando disse que é ruim a gente mudar a opinião do treinador. Ele armou um esquema, acredito eu, certinho. Tanto que perdemos vários gols.

— Agora — intervém Oscar, quanto a ser campeão moral, isso aí não é muito válido. Importante era receber o título.

E o prêmio de 700 mil pelo 3.º lugar, não foi alto demais?

— Todo ponto de vista é respeitável — diz Amaral. – Se houve críticas sobre o prêmio, a gente fica um tanto chateado...

— Mas acho que foi válido - interrompe Oscar. — Ora, ficamos quatro meses concentrados, treinos, viagens, tudo mais. Então, não foi uma coisa extraordinária nem exorbitante.

Daqui para a frente — inclusive porque Coutinho reviu suas concepções táticas e promete um time ofensivo e técnico —, Oscar e Amaral vão subir ainda mais de rendimento. Não bastasse o entrosamento, são muito amigos fora de campo. Oscar revela:

— Sempre tivemos bom relacionamento, isso ajuda. E costumamos, na seleção, trocar ideias antes dos jogos. Quem sai primeiro. A que hora deve sair. Os truques. Os sinais.

— E também a gente conversava em grupo — acrescenta Amaral. Os quatro da defesa, mais o Leão. Negócio de corrigir o posicionamento, ver o que era melhor para o setor. Em campo, nada de xingamentos e conversa; só o essencial. Um grito de "ladrão", um aviso de "goleiro é bom", a consciência de nunca deixar o companheiro no mano a mano com um adversário.

– Em campo – revela Oscar –, só gritos no bom sentido. Mas, sabe, tem jogador que precisa levar algumas prensas, ouvir uns palavrões para se mexer melhor. O Leão mesmo dizia que o Jorge Mendonça fica mais acordado quando gritam com ele. Esse não é o meu caso. Para mim, seria negativo.

Oscar e Amaral. Uma dupla tão valorizada quanto qualquer dupla atacante. Sinal de que não há mais desnível entre quem faz gol e quem defende. Oscar mostra como o fato ocorreu:

– Isso começou com o Figueroa, que veio ganhando muito bem e era excelente jogador, tinha nível. Então, viram que o jogador de defesa também é importante. Além disso, hoje se dá muito valor ao homem em si. Ninguém quer comprar um cara bichado, com vícios, certo?

Mais que isso: com Oscar e Amaral, a técnica vence a batalha sobre a violência, e a seleção ganha futuro. A violência, como brinca Oscar, é coisa do passado:

— Os mais velhos é que dizem: "No meu tempo? Ah, no meu tempo se jogava com caneleira de bambu e travo de prego na chuteira". ■

EDIÇÃO 467 - 6 DE ABRIL DE 1979

Os três mandamentos da boa defesa, segundo a reportagem exclusiva: não deixar o atacante chutar, pegar todos os rebotes e não fazer falta perto da área.

À MESA COM OS GÊNIOS

Uma conversa sobre futebol – e sobre a vida dura dos jogadores, ao menos nos anos 1980 – entre Falcão, Reinaldo, Sócrates e Zico. É lucidez quase inacreditável aos olhos de hoje

Bate-papo inteligente regado a água e café: quarteto de elite, em amizade construída fora dos gramados

IGNÁCIO FERREIRA

Zico: Mudou a tática. O futebol ficou mais coletivo e isso impediu a criatividade – já não se cria tanto. O jogador só criativo pode ser sacado do time e, com medo, não tenta mais. Prefere o passe, um toque para o lado.

Reinaldo: Hoje o Garrincha seria o mesmo? Essa é a pergunta que ouvimos. Claro, hoje o Garrincha seria o Garrincha. Mas o João não seria o João. Não foi o Garrincha que deixou de existir, foi o João que morreu – morreu o marcador de um homem só, agora são muitos contra um.

Zico: O exemplo do Reinaldo é perfeito. Hoje o Garrincha, no primeiro drible, seria quebrado, quem sabe inutilizado. Além disso, eu acho que a qualidade técnica hoje é mais elevada – quem é craque, é craque mesmo, porque conseguiu sobreviver entre botinadas, sistemas ultradefensivos, sem falar do ótimo condicionamento físico. O que se aprimorou foi a tática – e ela, aprimorada, inibiu o talento.

Reinaldo: O craque de antigamente era melhor que o de hoje, Pelé foi melhor que Zico, tudo isso é folclore do futebol. Muita gente diz que Pelé foi melhor, mas eu já ouvi gente mais velha dizer que foi o Zizinho. Jurar pela mãe.

Sócrates: Tem razão. Cada época apresenta condições especiais – não há como comparar.

Zico: Quem fica hoje, com a bola,10 segundos, só leva porrada. Diz que a gente tem que ser como jogador de xadrez, antever o lance. Isso já é superado: tem que ser ainda mais rápido de raciocínio.

Reinaldo: Hoje o perna de pau tem condição física, o que não ocorria antigamente. E o pior é que a nossa cabeça, a cabeça do craque, está sempre a prêmio: o estímulo por derrotar o craque. Cobram nossos erros na hora com essa infâmia de que o talento acabou.

PLACAR: Brasileiro não é bom profissional?

Zico: O futebol no Brasil é conto da carochinha. Um erro do próprio jogador: não se concentrar os 90 minutos da partida. O sujeito que conserta o telefone da tua casa não desgruda a atenção daquele monte de fios. A mesma coisa é o europeu em campo – não deixa de participar um minuto. Ele pode não estar com a bola, mas está com o jogo. Nós muitas vezes chegamos ao descaramento de virarmos as costas para a cobrança de um lateral.

Sócrates: O brasileiro ainda não é profissional. O erro começa ao co-

IGNÁCIO FERREIRA

Abraço fraternal: bons de bola e bons de ideias, líderes incontestáveis

brar apenas os direitos – mas a maioria se esquece completamente dos deveres e, consequentemente, não pode ter direitos. Nós brasileiros ainda precisamos aprender muita coisa em termos profissionais.

Reinaldo: Peraí. Nós jogadores só somos alertados pelos dirigentes para os deveres, sem jamais se falar em direitos – o dirigente parece desconhecer essa palavra. É um verdadeiro comando fascista, ou melhor, neofascista.

Zico: Não há futebol profissional no Brasil, essa é a pura e cruel verdade.

Reinaldo: Neofascista, repito.

Sócrates: Toda essa falta de estrutura é decorrente da própria desunião dos profissionais de futebol.

Reinaldo: Precisamos encontrar um jogador que participe das decisões do futebol, da organização. Impossível que se faça um campeonato brasileiro e nenhum profissional seja ouvido. Nós somos apenas notificados das frias decisões de gabinete.

Zico: Jogador é mercadoria ao bel-prazer do grupo dirigente. Veja o exemplo: estou usando na seleção o material esportivo de uma fábrica e tenho contrato com outra. Uma imposição. Na seleção, arbitrariamente, sou obrigado a colocar esse outro material. Precisamos protestar, reclamar.

Falcão: Como ser profissional, se não nos é dado este direito? O clube nos obriga a uma série de absurdos.

Sócrates: Esse é o grande mal do nosso futebol – somos joguetes.

Reinaldo: Quero alertar para um ponto ainda mais grave. No caso citado pelo Zico, do material esportivo, ele pode se recusar – diriam os dirigentes, "afinal é o Zico". E o garoto que está começando? Se reclamar é cortado na hora, sem dó nem piedade. E com medo da concorrência, dos milhares que anseiam sua posição, o menino aceita de cabeça baixa – está aí um dos piores traumas logo no início da carreira.

JB SCALCO

O colorado Falcão: "Não há intervalo racional entre uma partida e outra"

Falcão: Eu lembro da seleção lá no Embu. A gente protestou, virou a camisa do avesso e, logo, logo começaram a zumbir na nossa cabeça as ameaças de corte, de indisciplina. Ora, tinha gente com contrato com outras marcas e aí infringimos nosso acerto por causa de um concurso paralelo da antiga CBD. Um autoritarismo.

Reinaldo: Essa nova cláusula do nosso contrato é ainda pior – agora nos obrigam a usar, sem protestar, o uniforme do clube. E nosso direito de fazer publicidade?

Zico: É verdade, está escrito no contrato. Mas no estatuto proíbem a publicidade na camisa. Portanto, eu me recuso a usar também no uniforme de treino. Mas nosso sufoco não fica aí. A recuperação de uma contusão é até brincadeira. Não se respeita o próprio problema físico do jogador, não se dá tempo ao atleta de recuperar o corpo, seu instrumento de trabalho. Sem falar do início da temporada – mal chegamos de férias e já entramos em competição, em amistosos. Veja o Cláudio Adão, no Flamengo: a insegurança de eterno reserva o levava a entrar em campo sem condições físicas, às vezes contundido. O que ganhou com isso? E o Adílio, que por medo de perder a vaga está jogando sem contrato. Isso é crime, deveria haver uma lei mais rigorosa protegendo o jogador.

Falcão: E a rotina dos jogos? Não há intervalo racional entre uma partida e outra. O Inter nesse mês entra 11 vezes em campo, fora o tempo de viagens. O jogador acaba sem interesse, por mais profissional que seja – o massacre faz a própria mente perder o controle do corpo, tal a ânsia inconsciente de ver a partida chegar ao fim. O que deveria ser prazer vira uma ação enfadonha, cansativa, angustiante.

Sócrates: Acabam a gana e a graça de jogar. Eu sempre fiz do futebol um prazer, um grande prazer da minha vida. Hoje tem horas que não aguento mais. O futebol brasi-

"HÁ MEDO DESSA GERAÇÃO DE PARTICIPAR, MEDO DA BARRA DOS ÚLTIMOS ANOS." DR. SÓCRATES

leiro já não é espetáculo, ou melhor, é espetáculo de 30 minutos, tempo em que nós ainda aguentamos de pé. Viramos máquinas, para o mal do próprio futebol e para a frustração da torcida.

Zico: Máquina que não pode falhar. Nem este direito nós temos. Ano passado joguei 76 vezes, tive um mês de férias e fiquei dois me recuperando de uma distensão. Minha média: a cada três dias correndo atrás da bola. Não há ser humano que resista: parece que lá dentro alguma coisa vai explodir, a alma parece separar do corpo.

Falcão: Este é o problema pelo fato de nós servirmos como descarga social. Sofremos muito com isso. A massa já chega aos estádios com suas frustrações normais e, ao perdermos, ao jogarmos mal um dia, somos vaiados, xingados. Nós, a grande esperança de alegria do povão, falhamos. Isso soa como traição para eles.

Sócrates: Falcão tem razão. Nós somos um dos segmentos sociais mais importantes, se não o mais importante. Os olhos do povo estão no acerto das nossas pernas – ou nos erros.

Reinaldo: Precisávamos mesmo era de um sindicato forte, mas nos falta unidade. Nosso sindicato é desprezado.

Falcão: Peraí. Nós já apresentamos diversos pedidos e, na hora H, o ministro (Murillo Macedo) pega aquele listão e barganha em cima de cinco pedidos. Com unidade, força, poderíamos conseguir muito mais.

Zico: O jogador é o culpado. O jogador só acredita em sindicato quando a coisa está feia pra ele. Fiz dois simpósios no Rio e em Porto Alegre – comparecimento igual a nulo. Nós também temos graves falhas, deixamos brechas demais.

O alvinegro e o rubro-negro: parceria selada na seleção brasileira dirigida por Telê Santana

JB SCALCO

Falcão: Precisávamos nos reunir numa grande confederação geral dos trabalhadores de futebol.

Zico: Estivemos com o ministro Murillo Macedo, fizemos nossos pedidos. O homem parece interessado, já foi ligado a clube de futebol. Com ele, se pressionarmos mais, conseguiremos vitórias. Os outros estados precisam participar mais.

Reinaldo: Olha a Agap de Minas – não é boa por ser estatal. E, por ser estatal, protela a criação do nosso sindicato mineiro. Temos que atrair o jogador para nosso sindicato, mas não é com simpósio, que enche o saco. Temos que chamar o jogador para bater papo, tomar um café, falar de mulher, sacanagem e, no meio dessas coisas comuns, iremos lentamente conscientizando cada um.

Sócrates: O modo que estamos colocando a questão está errado. É uma medida tomada de cima para baixo, a estrutura é falha, porque somos privilegiados. Continuaria a ser movimento de minoria.

Zico: Mas ora, Sócrates, desunião, alienação são fenômenos gerais no país. De 16 anos para cá nossa história é da geração chiclete, coca-cola e, na sua mais recente grande descoberta, a discoteca. Nós somos a geração discoteca.

"PRECISÁVAMOS DE UM SINDICATO FORTE, MAS FALTA UNIDADE. NOSSO SINDICATO É DESPREZADO." REINALDO

Sócrates: Uma geração sem história. Tem razão. É uma medida tomada de maneira errada, mas precisamos iniciar o movimento em torno de um sindicato nacional.
Falcão: Mas reunir essa turma toda, com tudo pago, não é fácil.
Sócrates: Há medo dessa geração de participar, medo da barra dos últimos anos.
Reinaldo: Uma solução seria nós fazermos um jornal para distribuir entre os jogadores de todos os estados. O Brasil é muito grande, e só através de um jornal atingiríamos todos os jogadores. Daríamos oportunidades de eles participarem.
Zico: E a higiene dos vestiários, a segurança em campo?
Falcão: Mudar nosso futebol é difícil – há muitas ingerências.

PLACAR: Mas e a participação dos jogadores nos órgãos diretivos?
Sócrates: Vai ser difícil a curto prazo. Há interesse político no governo, envolvimento muito grande. Pode ser desinteressante para a cúpula dirigente um jogador de futebol lá dentro, advogando em causa própria.
Falcão: Veja o caso do Santo Ângelo. Fechou, os jogadores não receberam, estavam passando fome. O presidente saiu na maior, assim como os diretores. Isso ocorre em vários clubes, Brasil afora, sem o governo intervir.
Zico: Se é numa estrutura séria, essa gente vai ser presa. É desumanidade, é crime. O futebol precisa ser sério.

PLACAR: O que é mais importante para o futebol no momento?
Reinaldo: Formar um sindicato nacional forte, que se imponha diante das autoridades, que reivindique e consiga as coisas, que pressione.
Falcão: O mais importante é que respeitem nossa condição humana. Nós somos humanos e não somos respeitados assim. Essa pressão sobre o jogador precisa acabar depois de cada partida – não podem se intrometer na vida particular.
Sócrates: Perdemos a condição de indivíduo. Somos objeto na mão de muita gente sem condição.
Zico: Uma mercadoria sempre pronta. Veja o caso do Flamengo: queriam dar-me como garantia para a compra de Roberto. "Comigo não", eu disse. Não estou aqui para ser escada promocional de dirigente. Comigo não, violão. Tem que acabar com esta história de que jogador é máquina infalível, é mercadoria.
Falcão: Bem, agora que falamos tudo, que abordamos o regime profissional, basta saber quanto a PLACAR vai pagar pela entrevista (ele ri, todos riem).
Zico: Veja só – o jogador é chamado para qualquer programa, de humorístico àqueles que servem almoço e jantar. Se a gente pede cachê, dizem: mascarado, e metem o cacete na gente. Eu falo para qualquer órgão que tenha a ver com futebol – o resto, só pagando.
Sócrates: Nossa cultura é outra. Na Europa, o jogador, ao falar para revista de sexo, de moda, leva seu cachê normalmente, nem precisa pedir. Isso é profissionalismo.
Zico: Quero minha imagem veiculada para meu público, para o público que vai aos estádios me ver, quero atender a minha gente.
Falcão: O pior é o autoritarismo que decide por você: quero sua presença no programa a tantas horas, ok?
Sócrates: Começo a criar a obrigação, comigo mesmo, de negar.
Reinaldo: Eu falo para PLACAR numa boa. Outra revista que não seja de esporte, só se for do meu gosto. Querem sempre nos usar.
Zico: E o estudo, isso não podemos deixar de falar. O jogador não pode estudar – o jogador, para os dirigentes, nasceu para ser burro. Isso é até bom para eles, porque ficamos mais fáceis de receber ordem, sermos manipulados. Sem estudo, como analisar os direitos?
Sócrates: Só eu sei o esforço que fiz para terminar meu curso de medicina. Eu me impus ao consumo do futebol, porque não precisava do futebol para sobreviver. Mas a maioria precisa. E aí?
Reinaldo: Nosso contrato garante o direito de estudar – de ir às aulas, fazer provas, mesmo em dia de treino, de jogo. Eu vou, Zico vai, Falcão vai, Sócrates vai, e nada acontece. Mas o garoto, que está começando, não vai à escola por medo, fica atemorizado de perder a vaga, de ser mandado embora, de perder a grande oportunidade da vida. O contrato assegura o direito de estudar, mas o dirigente não perdoa, coage a meninada de todas as maneiras. A mesma coisa as faculdades, que dão bolsas para os craques, mas não para o iniciante, porque eles não ajudam a promover o estabelecimento. Por isso falo em neofascismo. ■

EDIÇÃO 519 - 11 DE ABRIL DE 1980
Na confusão da Taça de Ouro que começaria em breve – com inacreditáveis 40 equipes – houve um interregno para um pouco de lucidez dos quatro futebolistas influentes e com a cabeça no lugar. Deu o que falar.

A NOSSA DUPLA IMBATÍVEL

No início dos anos 1980, PLACAR levou Pelé ao encontro de um de seus maiores parceiros no futebol, o genial Garrincha, companheiro nas Copas de 1958, 1962 e 1966. O papo de duas horas teve direito a música e lembranças emocionadas

Lemyr Martins e **Hideki Takizawa**

Pelé e Garrincha posam para a foto no Rio de Janeiro: os dois maiores craques do futebol brasileiro nos enchem de saudade até hoje

RODOLFHO MACHADO

Foi um reencontro histórico. Frente a frente, ninguém menos que Pelé e Mané Garrincha – os dois maiores craques do futebol brasileiro em todos os tempos. Foi um reencontro comovente. Quando se viu diante de Mané, Pelé abriu um sorriso largo, estendeu os braços musculosos e enlaçou seu velho ídolo num abraço apertado, longo e emocionado.

Com a palavra, os senhores Edson Arantes do Nascimento e Manoel Francisco dos Santos. Ou o histórico e comovente reencontro de Pelé e Mané Garrincha.

Pelé - E a bola de hoje, Mané? Tá pequenininha, né? Cada vez mais sinto saudades de você, daqueles dribles, do povo nos estádios que vibrava com tuas entortadas nos "Joões".

Garrincha - Olha, crioulo, eu sou instrutor da Legião Brasileira de Assistência e trabalho com 500 garotos, mas não aparece nenhum "tortinho" disposto a brincar na ponta.

Pelé - Cada vez vejo menos habilidade no jogador brasileiro.

Garrincha - A pelada está perdendo espaço, só tem garotos jogando em campos cercados. Cadê o moleque de pé no chão batendo bola em terra dura? O pior é que todo mundo põe a culpa na retranca, mas continua bolando esquemas cada vez mais fechados. Parece saudosismo, mas na Copa de 1958 também éramos muito marcados.

Pelé - Pois é, eu era um garoto de 17 anos, mas tinha gente boa fazendo a minha cabeça. Aliás, você lembra por que o Paulo Amaral (preparador físico) acabou com as corridas depois dos treinos?

Garrincha - Claro, o pessoal corria até o lago não para melhorar o preparo físico, mas para ver as garotas tomando banho nuas. Daí o Paulo Amaral proibiu a corrida e o remédio foi aturar você tocando violão.

Pelé - Tocar não é bem a palavra: eu batucava no violão.

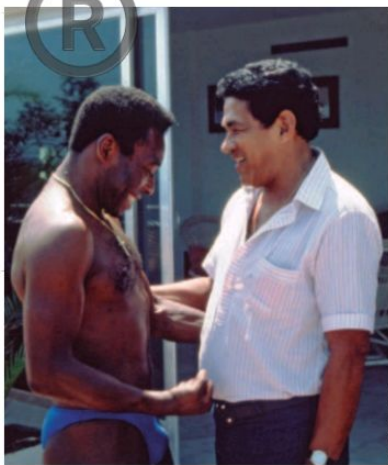
Garrincha - E já aprendeu? Lembro que o teu apelido era Nega Elisa, porque a gente te achava parecido com a torcedora símbolo do Corinthians.

Pelé - Tocar eu ainda não toco, mas componho mais ou menos.

Garrincha - Já ouvi o Jair Rodrigues cantando uma música tua. Pega o violão e mostra aí, que eu te acompanho no cavaquinho (e simula dedilhando um instrumento de brinquedo).

Garrincha e Pelé: um abraço apertado, longo e emocionado entre o Rei e seu velho ídolo

IGNACIO FERREIRA

RODOLPHO MACHADO

RODOLPHO MACHADO

RODOLPHO MACHADO

O camisa 10 com um violão e o 7 com um instrumento de brinquedo: um reencontro comovente

NA OPINIÃO DOS DOIS GIGANTES, O JOGADOR BRASILEIRO TINHA CADA VEZ MENOS HABILIDADE

Com as camisas de Botafogo e Santos, que os consagraram: silêncio, respeito e saudade

IGNACIO FERREIRA

DEPOIS DE DUAS HORAS DE ENCONTRO, PELÉ SE EMOCIONOU E ABRAÇOU GARRINCHA COM SINCERA ADMIRAÇÃO

Pelé - Bons tempos...

Garrincha - Na Copa de 1962 foi uma pena você ter se machucado. Eu dei sorte, fiz gols... Mas jamais vou esquecer da partida contra os russos em 1958.

Pelé - Foi a primeira partida que disputamos juntos. Era a estreia de nós dois na Copa e vencemos por 2 a 0, dois gols do Vavá. Você enlouqueceu os russos. Logo na primeira bola, entortou três. Dali em diante, só deu você.

Garrincha - Nunca te perguntaram se hoje conseguiríamos jogar da mesma maneira que jogávamos há dez, quinze anos?

Pelé - Me perguntam a toda hora.

Garrincha - Acho que não teria nenhuma diferença.

Pelé - Concordo. Você continuaria a entortar, deixando "Joões" pelo caminho e indo à linha de fundo para cruzar as bolas na cara do gol. Nosso futebol está precisando de um novo Garrincha, de outro "Alegria do Povo".

Garrincha - (suspira, desvia o olhar, passa a mão no rosto e acende mais um dos 40 cigarros que fuma diariamente).

Pelé - E quantos filhos você tem, no total?

Garrincha - Estou com 13: dez meninas e três meninos. Mas estou partindo para o décimo quarto.

Pelé - Você continua o mesmo...

Garrincha - Com 14 eu fecho a fábrica. Também já tenho sete netos. E você, ficou nos três?

Pelé - Sim: a Kelly Cristina, o Edinho e a Jennifer.

Garrincha - É, crioulo, nessa eu te dei de goleada.

ARQUIVO DO ESTADO

Na Copa de 1958, quando o Brasil foi campeão do mundo pela primeira vez: invencíveis

EDIÇÃO 652 - 19 DE NOV. DE 1982

Quatro meses após a "tragédia do Sarriá", no Mundial da Espanha, nossos dois maiores ídolos ficaram frente a frente para um bate-papo inesquecível nas páginas da revista

Depois de duas horas emocionadas, o encontro chega ao fim. Garrincha levanta-se, bate no peito nu de Pelé, ajeita a calça em suas famosas pernas tornas e apaga o cigarro.

Pelé se emociona, abraça Garrincha, olha fixamente nos olhos daquele homem de 49 anos (28/10/1933) e acaricia seu rosto gordo, num gesto de sincera admiração. Subitamente, o Rei do Futebol, o tricampeão do mundo, o Atleta do Século é de novo uma criança magnetizada pela presença do velho ídolo. É apenas a Nega Elisa, o crioulinho que Garrincha mandara para o ataque aos berros.

E, sob o céu iluminado de Copacabana, fez-se então um momento de profundo silêncio, respeito e saudade. ■

O VERDADEIRO CRAQUE DA FAMÍLIA

PLACAR queria mesmo era apresentar ao Brasil um moleque de 17 anos do Grêmio que começava a brilhar – mas havia ao lado dele o irmãozinho de 7 anos. O resto é história...

Álvaro Almeida, com fotos de **Lemyr Martins**

Pode o garoto de uma preliminar despertar mais interesse do que os craques profissionais de um Grêmio x Corinthians? Roberto de Assis Moreira, um moleque de 17 anos e dribles desconcertantes, provou que sim.

O episódio aconteceu na noite de 19 de novembro do ano passado. Quem chegou cedo ao Estádio Olímpico saiu maravilhado diante do futebol do camisa 10 dos juniores do Grêmio. Com um desempenho cheio de brilho, o meia-esquerda Assis ajudou o tricolor a conquistar o título estadual da categoria, arrancando aplausos entusiasmados dos poucos privilegiados ali presentes.

Aquela noite mudou a vida do jovem Assis e desencadeou uma série de acontecimentos que acabaram por transformá-lo na maior esperança gremista para este fim de década. Nos três meses seguintes, o garoto colecionou façanhas inimagináveis para um jogador de sua idade: a faixa de campeão júnior chegou exatamente uma semana após ter conquistado a dos juvenis. Então com 16 anos, disputou os dois campeonatos simultaneamente.

E o mais incrível ainda estava por vir. Nas cadeiras especiais, dois atentos observadores do Torino, da Itália, acompanharam aquela histórica partida e chegaram a uma conclusão: seria ele, Assis, o sucessor de Júnior no time. Cinco dias depois, bastante assustado, o jogador embarcava para um estágio de quinze dias naquela que é uma das principais equipes italianas.

Assis, aos 17 anos: atração dos jogos preliminares

De volta a Porto Alegre, assinou seu primeiro contrato profissional com o Grêmio, com números tão espetaculares quanto seu talento: uma casa nova, avaliada em 4,6 milhões de cruzados, mais luvas de 1,4 milhão e salário de 80000 mensais. Total: 580000 cruzados por mês, pouco menos do que os 600000 oferecidos ao já consagrado craque Valdo e muito mais do que os 450000 que recebe o centroavante Lima. Desse jeito o Grêmio conseguiu fazê-lo desistir das mordomias e dos 50000 dólares – cerca de 3,5 milhões de cruzados – que receberia no Torino.

Hoje, da Itália, ele guarda apenas uma camisa do time de Turim, alguns recortes de jornal e as lembranças das tabelas com o austríaco Polster – o mesmo que disputa a artilharia do "calcio italiano" com Maradona e Elkjaer. "É muito fácil jogar lá. Tu ó, e eles passam lotados", brinca, imitando uma ginga de corpo.

Na hora de falar sobre o futuro, entretanto, ele deixa de lado a irreverência e assume uma postura que surpreende pelo equilíbrio e coerência. "Não esperava uma ascensão tão rápida", analisa. "Sei que agora tudo será consequência de meu trabalho entre os profissionais".

O sucesso mudou sua vida – e a da família. Enquanto se preparam para a mudança de endereço, eles vão se despedindo da velha casa de madeira em que moram, na Vila Nova, um bairro pobre e distante 18 km do centro de Porto Alegre. O pai, João, trabalha como porteiro no Olímpico

O sorriso da dupla: o menino seguia os passos do irmão mais velho, que parecia fadado a ser um grande nome da história gremista – e então a prosa mudou...

EDIÇÃO 920 – 22 DE JAN. 1988

A capa foi dedicada a Leonardo, do Fla, o jovem lateral esquerdo que chegaria à seleção. A reportagem dedicada ao promissor gaúcho e o irmãozinho penetra estava escondida em duas páginas visionárias.

em dias de jogo, enquanto a mãe, Miguelina, é servente da prefeitura. O irmão Ronaldo, de 7 anos, é para Assis o "verdadeiro craque da família". Daisi, a irmã, de 12 anos, sonha com a decoração do quarto novo.

A felicidade será completa quando Assis fizer 18 anos e ganhar o carro que o Grêmio lhe prometeu. Mas ele sabe que tanta atenção tem um preço. "Estou me preparando para este novo desafio", diz ele, que afirma ter plena consciência de que a cobrança da crítica e dos torcedores será grande depois do belo contrato que assinou.

Recém-chegado da seleção brasileira de Juniores, que disputou o Torneio da Amizade em Portugal, ele sonha em participar da Copa do Mundo da Itália: "Quero estar na seleção de 1990, mesmo com 19 anos". Antes ele conta com a boa vontade do treinador gremista, Otacílio Gonçalves, para mostrar seu futebol. "Se o menino realmente for craque, joga, independente de idade", garante Otacílio.

Agora a palavra está com Assis. Ou melhor, em seus pés. Afinal, se ele pensa mesmo em seguir os passos dos ídolos Valdo, Zico, Maradona e Pelé, precisa mostrar que esta nova estrelinha do futebol brasileiro não perderá o brilho no meio do caminho. ■

KIKO, LEANDRO E BRUNO? NÃO!

A reunião de Kaká, Leonardo e Baptista, que em 2001 eram os favoritos das adolescentes são-paulinas. A aposta: se jogassem juntos no meio-campo tricolor, poderiam conquistar o resto da torcida no Brasileiro

Arnaldo Ribeiro

Você está satisfeito com o novo São Paulo de Nelsinho Baptista? Está? Não? De qualquer forma, você ainda não viu nada. O time da Copa dos Campeões é apenas um esboço daquele que vai disputar o Campeonato Brasileiro e a Mercosul. O meio-campo, o coração do time, deve mudar, e muito, para melhor.

Vem aí o trio KLB. Kiko, Leandro e Bruno? Não, não estamos falando da bandinha adolescente que arrasa os corações teens. Eles até são bonitinhos (é o que dizem as fãs), gostam de andar produzidos, mas em vez de música romântica/pop, com algo de sertanejo, eles produzem futebol. O K é de Kaká, o L, de Leonardo e o B, de Júlio Baptista. Ah... E nenhum deles curte a banda homônima.

Kaká e Júlio Baptista, que estavam na seleção sub-20, já estão trabalhando com Nelsinho, mas Leonardo só vai estrear na Mercosul, no fim do mês. Enquanto o time disputava a Copa dos Campeões, no Nordeste, ele passava por uma avaliação e iniciava os treinamentos físicos no Centro de Treinamento do clube. Eles ainda nem se conhecem.

O grande dilema é: os três vão jogar juntos? Dificilmente. Em princípio, o treinador são-paulino gosta de armar seus times com dois volantes estritamente marcadores (como Alexandre e o recém-contratado Douglas ou o chileno Maldonado) e mais um meia que também tenha características de marcação (como Carlos Miguel, Fábio Simplício ou até mesmo Fabiano).

Assim, o trio disputaria uma única posição na equipe titular. No máximo, em tese, jogariam dois deles. "O meio-campo é o setor em que eu tenho mais opções. Tenho jogadores jovens, tenho jogadores experientes, cada um com sua característica. Assim, posso mudar o ritmo de um jogo quando bem entender. Vou precisar de todos. Quem vai jogar? Isso vai depender deles", diz Nelsinho.

De fato, o meio-campo são-paulino tem excesso de contingente. Excetuando os volantes cães de guarda, são nada menos que nove jogadores brigando por duas vagas no meio. Kaká, Leonardo e Júlio Baptista no meio deles.

Em sua volta ao Morumbi, Leonardo tinha 32 anos, 13 a mais que os novatos: "Eu gostava do estilo dele", contou Baptista

MONTAGEM SOBRE FOTOS DE RICARDO CORRÊA

“A concorrência é sempre uma boa. Você nunca se acomoda desta forma”, afirma Kaká. “A presença de vários jogadores de qualidade no meio mostra que o São Paulo está realmente em busca de títulos. Quem estiver melhor vai acabar jogando”, diz Júlio Baptista. Leonardo também prefere não entrar na polêmica e elogia os “concorrentes” diretos. “Os garotos do São Paulo são dinâmicos, rápidos, muito bons.”

Quando acertou a contratação de Leonardo, muita gente pensou que o São Paulo fosse se desfazer de Kaká ou Júlio Baptista, seus jogadores mais valorizados desde a conquista do Torneio Rio-São Paulo, no início do ano.

Mas parece que isso não vai acontecer, pelo menos por enquanto. Para o presidente Paulo Amaral, a presença de Leonardo inclusive vai ajudar na formação técnica e profissional dos dois garotos. “O assédio sobre os dois é natural, mas eles ainda são muito jovens. Primeiro, precisam dar algum título de expressão ao São Paulo, para depois a gente pensar numa eventual negociação para o exterior.” Quem garante é o diretor de Futebol do clube, José Dias.

“O São Paulo não quer vendê-lo agora. O Kaká também não quer sair. O objetivo dele é se firmar como titular e buscar um espaço na seleção principal”, diz Wagner Ribeiro, empresário de Kaká, ressaltando que emissários italianos estiveram em Córdoba (Argentina) somente para observar o desempenho do seu pupilo no Mundial Sub-20.

EDIÇÃO 1187 - JULHO DE 2001

A virada do milênio coincidiu com o auge da boy band brasileira que inspirou a capa com os galãs tricolores. Em campo, porém, o trio jamais conseguiu jogar por música

Para Ribeiro, Kaká e Leonardo vão acabar jogando juntos como titulares da equipe. “Falando como torcedor, acho que o Carlos Miguel é carta fora do baralho no momento, pois está acima do peso e vem perdendo a posição para o Souza, que, por sua vez, é muito irregular. Para mim, vão acabar jogando o Leonardo e o Kaká.” Polêmico, ele, não?

Leonardo tem 32 anos. Kaká e Júlio Baptista, 19. O primeiro vai ganhar perto de 250 mil reais mensais, quase 20 vezes mais que os outros dois. Quando Leonardo deixou o São Paulo, em 1994, após perder o tricampeonato da Taça Libertadores para o Vélez Sarsfield, da Argentina, Kaká e Júlio Baptista tinham apenas 12 anos. Eles já jogavam juntos no departamento social do clube, futebol de salão e futebol de campo, e viam os jogos dos profissionais, com os colegas, das cativas do Morumbi.

“Eu gostava do estilo do Leonardo. Será um prazer jogar junto dele. Eu sou meia-direita. Ele é meia-esquerda. Acho que há espaço para os dois”, diz Júlio Baptista. “Eu também lembro do Leonardo, principalmente do título brasileiro de 1991, sobre o Bragantino. Só tenho a aprender com ele. Ele é um cara que só tem bons exemplos a transmitir para todos nós”, afirma Kaká.

Elogio é bom, mas tem limite. Leonardo não quer chegar já como uma referência para o time, o novo líder da geração de Kaká e Júlio Baptista. “Nada garante que o time irá girar em torno de mim. Não que eu não queira assumir responsabilidades, mas exemplo quem escolhe é o grupo. Muita coisa vai pesar, como, principalmente, o meu rendimento em campo.” Foram as suas declarações no dia da apresentação oficial.

Kaká, Júlio Baptista e Leonardo podem jogar juntos? Há lugar para os três no time? Nelsinho pode abrir mão de um dos volantes para reuni-los na mesma formação? Isso só o tempo vai dizer. Mas você pode dar uma mão ao treinador. Vote na página do São Paulo no site de PLACAR (www.placar.com.br), no meio-campo ideal para as competições do segundo semestre. Prometemos enviar o resultado a Nelsinho. Se ele vai levar em consideração ou não, é uma outra história... ■

ELES ATÉ SÃO BONITINHOS, MAS EM VEZ DE MÚSICA ROMÂNTICA/POP, COM ALGO DE SERTANEJO, PRODUZEM FUTEBOL

HAJA MEIA!

SÃO NOVE JOGADORES BRIGANDO POR DUAS VAGAS. ESSE É O PROBLEMA QUE TODO TREINADOR GOSTARIA DE TER E QUE NELSINHO TERÁ DAQUI PARA A FRENTE. SERÁ QUE ELE VAI SABER ESCOLHER OS MELHORES?

CARLOS MIGUEL

A FAVOR: Experiência, malandragem, cadência de jogo
CONTRA: Eternas contusões, forma física deficiente

RENATO PIZZUTTO

FABIANO

A FAVOR: Prestígio com o técnico, chute forte, condição física
CONTRA: Perseguição da torcida, lentidão

ALEXANDRE BATTIBUGLI

RENATO PIZZUTTO

FABIO SIMPLÍCIO

A FAVOR: Versatilidade; joga também como volante e lateral-direito
CONTRA: Timidez, falta de marketing pessoal

HARISON

A FAVOR: Habilidade, oportunismo, precisão nas bolas paradas
CONTRA: A concorrência; deve ser emprestado

RENATO PIZZUTTO

JÚLIO BAPTISTA

A FAVOR: Preparo físico privilegiado, força e versatilidade
CONTRA: Dificuldade nos passes e conclusões

RENATO PIZZUTTO

ALEXANDRE BATTIBUGLI

KAKÁ

A FAVOR: Improviso, precisão nas conclusões, criatividade
CONTRA: Inconstância, preparo físico

ALEXANDRE BATTIBUGLI

LEONARDO

A FAVOR: Liderança, técnica apurada e grande carisma
CONTRA: A idade e a propensão a lesões

REINALDO

A FAVOR: Drible, confiança do técnico, velocidade
CONTRA: Individualismo, temperamento forte

ROGÉRIO PALLATTA

SOUZA

A FAVOR: Habilidade, improviso, confiança do técnico
CONTRA: Dispersão, falta de regularidade

RENATO PIZZUTTO

UMA CONVERSA NOBRE

Para o aniversário de 40 anos da revista, PLACAR pôs lado a lado Pelé e Neymar, em um revelador diálogo entre o Rei e o então candidato a majestade

Ricardo Perrone e **Bernardo Itri**

Neymar, aos 18 anos, era a maior esperança de resgatar o brilho do nosso futebol como nos tempos de Pelé: sorrisos e promessas

ALEXANDRE BATTIBUGLI

O Rei com a 10 do Santos: "Já disse pra ele, como meu pai falava pra mim, que futebol é um dom, mas tem que se cuidar muito bem"

JOSÉ PINTO

Segunda-feira, 1º de março. Às 17h41, um dos telefones na redação de PLACAR toca. Do outro lado da linha está o empresário Wagner Ribeiro. Ele avisa: "O Neymar acabou de entrar no carro. Estamos saindo. Às 19h30 ele chega aí". O dia é agitado para o atacante santista. Depois de brilhar no clássico contra o Corinthians, na véspera, recebeu uma avalanche de pedidos de entrevistas, treinou às 16h em Santos e se prepara para encontrar Pelé, nos Jardins, em São Paulo, exclusivamente para uma sessão de fotos para a capa de PLACAR comemorativa dos 40 anos da revista.

O encontro histórico foi breve, mas ilustrou bem as diferenças entre a primeira geração de craques seguida pela revista e a mais recente, capitaneada pelo promissor atacante santista, que alimenta as esperanças daqueles que sonham ver um novo Pelé. A turma mais antiga nasceu sem a pretensão de ser celebridade. Já Neymar, a joia mais reluzente do pelotão atual, preparou-se para os holofotes desde o berço.

Quase uma hora após Neymar colocar o pé na estrada, a reportagem chega ao estúdio sugerido pelo staff de Pelé para as fotos. O Rei está lá preparando a aula que dará às 20h para a Rede de Ensino Desportivo, curso a distância com telessalas até no exterior.

Enquanto Neymar não chega, Pelé impregna o estúdio (uma sala na qual não para de entrar e sair gente em busca do autógrafo real) com sua simpatia, possivelmente fruto do ofício de viver de sua imagem por décadas.

Quando termina de ensaiar, o Rei pergunta: "Com que roupa vão ser as fotos? Eu trouxe terno". Vestido com uma camisa com o logotipo do curso, ouve que vestirá uma camisa do Santos e emenda: "Tem uma do Corinthians?" É a primeira amostra da alegria pela vitória no clássico da véspera.

Em seguida, fala como se fosse iniciar um discurso: "Sei que todos vocês gostam muito de mim, mas tem uma coisa que ninguém pode fazer por mim: xixi". Depois de esperar por 5 minutos até que funcionários do local certifiquem-se de que ele não será incomodado no caminho, deixa a sala dando tapinhas nos braços de quem está à sua frente.

Pelé volta, dá pelo menos mais dez autógrafos e começa a conversar com a reportagem. "Hoje estou muito feliz, então posso ficar falando quanto tempo você quiser." Se dependesse de Pelé, o papo seria só sobre Santos 2 x 1 Corinthians. "Eles [jogadores do Santos] quase me mataram do coração. A gente estava com o jogo ganho e quase perdeu... Se o Tcheco escora a bola de cabeça no fim da partida, ele teria feito o gol. Ainda bem que quis cabecear forte... O Neymar não perdeu o pênalti. Foi o Felipe que pegou... Se o Neymar errou no chapéu que deu no Chicão depois que o juiz parou o lance, foi por ter segurado a bola com as mãos para fazer cera, foi por isso que o Chicão ficou bravo...", disse Pelé.

Às 19h30, após 15 minutos de entrevista, a porta do estúdio se abre e entra Neymar, tímido e acompanhado por seu agente. Ao se aproximar do Rei, ouve a bronca: "Você quer me matar do coração, moleque? Se eu morro, você teria remorso para o resto da vida", diz Pelé, lembrando-se mais uma vez da partida no dia anterior. Neymar sorri timidamente e fica num canto esperando a conclusão da entrevista.

Chamado para fazer as fotos, o tricampeão mundial fala sobre seu primeiro carro. Antes, aumenta o volume de sua voz e diz: "Nunca precisei comprar carro, sempre ganhei como prêmio por ser artilheiro. Só do Paulista foram oito vezes. Em 1984 [aposentado], a Fifa me deu um Mercedes de prêmio". Neymar, com uma história diferente sobre seu primeiro automóvel, com certeza ouviu.

(Em fevereiro, dias depois de completar 18 anos, Neymar ganhou de presente de aniversário um utilitário Volvo escolhido por ele e comprado por seu pai com o dinheiro do atacante. O carro vale cerca de 170 000 reais, quase o mesmo que seu salário mensal).

Pepe, ex-companheiro de Pelé, diz que o amigo ganhou um carro aos 16 anos. "Logo quando começou a barbarizar — fim de 1956 e início de 1957 —, ganhou um Fusca. Foi um alvoroço para ele buscar o carro", diz Pepe.

Mas a história que Pelé lembra é outra: "Neymar, essa você tem que ouvir. Voltamos da Copa da Suécia, em 1958, e o prefeito de Bauru prometeu me dar um carro [o jovem ri fora de hora]. Cheguei na cidade, uma grande festa. Esperava um carrão conversível para levar para Santos. Mas quando tiraram o pano que cobria o carro... Uma Romiseta. Um carrinho para duas pessoas, foi uma decepção". Os dois, a essa altura, diante do pano de fundo para fotos, riram juntos. Riram mais ainda quando Pelé brincou com o corte de cabelo do garoto. "Meu pai usava um corte assim, chamava de mosca ré. O meu era mosca ré baixa." Neymar fala baixinho: "O meu é moicano". A sessão de fotos segue com trocas de abraços e sorrisos. Diante das lentes de PLACAR estão dois homens vaidosos. O mais velho usa tintura para esconder os cabelos brancos. Já o mais jovem corta o cabelo a cada 15 dias no máximo, além de receber no CT do Santos um cabeleireiro para passar cremes em seu moicano. Segundo Wilmer, seu cabeleireiro e amigo, Neymar passa três cremes três vezes por dia, mesmo em dias de jogos. "Ele passa creme quando acorda, antes de entrar no campo e depois do jogo", afirma Wilmer. Além disso, adora se enfeitar com joias e raspa as axilas na tentativa de engrossar os pelos. Fica constrangido de aparecer com pelos ralos na frente dos colegas no vestiário.

Neymar está acanhado e Pelé, descontraído. A maneira como se comportam e a forma como conseguiram seu primeiro carro são algumas das diferenças entre os dois. A primeira bolada milionária na vida de cada um também rende histórias diferentes. Aos 14 anos, em 2006, após uma bem-sucedida manobra de Wagner Ribeiro, que o levou para treinar no Real Madrid e voltou de lá com uma oferta, o jovem atacante beliscou seu primeiro milhão de reais. Na verdade, 2 milhões, pagos pelo Santos a título de luvas, além de 25 000 reais mensais. Aos 16 anos, o garoto prodígio abocanhou mais 5 milhões de reais. Foi quando a DIS, empresa do Grupo Sonda, comprou 40% de seus direitos federativos por 5,5 milhões, que ele mesmo detinha em sociedade com Wagner Ribeiro. A venda estava praticamente acertada com a Traffic, por menos dinheiro.

Pelé, o melhor jogador do mundo de todos os tempos, só viu a cor de tanta grana no fim da carreira, em 1975, ao jogar nos Estados Unidos. "Fiz um contrato de seis meses com o Cosmos por 7 milhões de dólares. Isso, hoje, deve dar uns 70 milhões de dólares", afirma o Atleta do Século.

Antes de completar 18 anos, Neymar já tinha comprado duas coberturas. Hoje, ganha 180 000 reais mensais do Santos, além de 300 000 de luvas anuais. Investe a maior parte em imóveis. Sem ainda ter vestido a camisa da seleção principal, Neymar fez fortuna bem mais rápido que Pelé.

"Eu ganhava bem no Santos. Recebia 5000 por mês — nem sei mais qual era a moeda. Comprei uma casa para o meu pai em Bauru e outra para mim em Santos. Ganhar muito dinheiro cedo faz parte da geração do Neymar. Na minha época, o que eu ganhei deu para fazer meu pé de meia, planejar minha vida e a da minha família", disse Pelé, antes de a revelação santista chegar ao estúdio. O Rei, que perdeu muito dinheiro em negócios que não prosperaram, detesta ficar atrás de seus colegas de profissão. "Eu tive proposta da Europa, o Pepe teve, o Zito... A gente ganhava bem para os padrões brasileiros. Nós tínhamos outro estilo de vida, não um padrão tão alto

PELÉ ESTAVA DESCONTRAÍDO E NEYMAR, ACANHADO. E O ENCONTRO HISTÓRICO ILUSTROU DIFERENÇAS DE GERAÇÕES

"JOGUEI DE GRAÇA NO SANTOS"

PLACAR FALOU COM PELÉ ANTES DA SESSÃO DE FOTOS DO REI COM NEYMAR

Você uma vez deu entrevista dizendo que o Neymar poderia superá-lo um dia...
Nunca falei que o Neymar me superaria. Alguém escreveu uma coisa que não falei. O que costumo dizer é que, quando comecei, o máximo que queria era ser igual ao meu pai, bom jogador. O Neymar pode desejar muito mais. Que ele é especial, não tenho dúvida. Precisa amadurecer e ganhar corpo. Tem muita visão de jogo, muita rapidez, muita facilidade para tocar a bola.

O que há de diferente entre a sua geração e a de Neymar?
Hoje é bem diferente, eles têm chuteira lilás, brinco de brilhante. O jogador quer fazer gol e dar tchauzinho para a câmera. A gente queria meter gol. Se pegasse um time qualquer, a gente queria meter cinco, seis. Hoje o cara quer reclamar muito com o juiz. O goleiro faz defesa e fica no chão fazendo pose. Os jogadores gesticulam pedindo para a torcida apoiar. A gente fazia a torcida levantar.

O Neymar, provavelmente, já ganha mais do que você ganhava no Santos.
Eu ganhava bem para a época. Tive propostas para sair, mas fiquei porque gostava do Santos. Engraçado, as pessoas se esquecem disso. No meu último ano no Santos, em 1973 ou 1974, jogava de graça porque adorava o Santos. Não gosto de falar, mas, quando eu ajudava a diretoria [na gestão de Marcelo Teixeira], fiz do meu bolso o vestiário do CT Rei Pelé, porque não tinha vestiário, os jogadores se trocavam num banco.

Quem vai ganhar a Copa?
Vi todas as seleções. Brasil e Espanha são as melhores. Não significa que vão ganhar, porque é um torneio curto.

O que acha da pressão para o Dunga levar Ronaldinho?
Isso de pedirem jogador sempre tem. Em 1958 quebrou o pau, queriam o Julinho [Botelho], o Luizinho. O Dunga tem suas convicções. Essa pressão não atrapalha.

Neymar deve ir?
Futebol para ser convocado ele tem. Fui convocado com 16 anos, e ele pode ir com 18 anos.

Ele faz a barba no salão do fiel amigo Didi, em Santos: "A gente só queria meter gol, hoje é brinco e chuteira lilás"

JOSÉ PINTO

como os jogadores se acostumaram hoje", afirmou o Rei. Neymar já ganhava 20000 reais aos 13 anos. E ele nem tinha contrato de jogador profissional, pois a idade não permitia. Desde 2006 é patrocinado pela Nike. Recebe 150000 dólares por ano da empresa, mas o valor pode pular pra 600000 dólares, se for convocado para a seleção, e para 1,2 milhão de dólares, se for para um grande clube europeu.

Milionário, o atacante ainda não tem liberdade para fazer o que bem entende com o dinheiro que ganha. "Eu e a mãe dele controlamos os cartões de débito e crédito. Se o Neymar quer alguma coisa, a gente vê primeiro se podemos gastar", diz o pai, seu Neymar. Mesmo com esse controle dos pais, o atacante já esbanja luxo.

RENATO PIZZUTTO

Neymar com a camisa do Santos: "Sou comparado com o Rei desde pequeno e, claro, isso não me incomoda, mas sou pé no chão"

Dias antes do encontro entre o Rei e Neymar, PLACAR foi ao CT do Santos e teve a primeira conversa com o jovem santista. Ele chegou com seu Volvo branco, com o som alto. De chinelo, bermuda, óculos de sol azul-claros, um enorme relógio preto no pulso e mascando chiclete a ponto de se ouvirem os estalos cada vez que abria a boca, o atacante sentou na sala da assessoria de imprensa do clube para conversar. "Sou meio favela", disse, durante a entrevista. Horas depois, o novo contrato de Neymar era fechado, no mesmo prédio. Ele não parecia preocupado.

A promessa santista diz que ouviu do Rei a recomendação para obedecer aos pais. Eles já tinham conversado algumas vezes no CT do Santos. No estúdio, trocaram poucas palavras.

Depois das fotos, Pelé conversou mais com a reportagem. Falou sobre seu conselho para o garoto. "Já disse para ele, é como o meu pai falava para mim: 'Tem que se alimentar bem, cuidar da saúde'. Futebol é um dom, ele não fez nada, ganhou esse dom de Deus. Tem que comer bem para encorpar, mas não é para ser halterofilista". O pai da nova estrela se preocupa com essa história de ganhar músculos. "Ele não tem que encorpar. Isso deve ser natural. Estou me formando em educação física para entender esse processo do meu filho", afirmou seu Neymar, que não estava no encontro.

Neymar, distraído, nem escutou a dica de Pelé. O jovem agora parece aquela criança que começa a perder a timidez e passa a explorar o território novo. Enquanto Pelé fala sobre seu conselho, o jogador pede de presente duas bolas de futebol que encontrou no estúdio. O Rei continua dando suas opiniões sobre o novato, mas Neymar está mais disperso ainda. Achou um par de luvas de boxe e está golpeando seu agente, que se aproxima de Pelé e dispara: "O garoto precisa de uma força sua". De bate-pronto, o Rei devolve: "Ele é que tem que dar uma força pra mim". Depois, Pelé abaixa o tom de voz, se aproxima de Neymar e diz como quem revela um segredo: "O pessoal do Santos fica falando para eu aparecer para dar uma força. Mandei o Edinho [seu filho e auxiliar de preparação

NO ESTÚDIO, O JOVEM PEDE DUAS BOLAS DE PRESENTE E, DISPERSO, COMEÇA A FAZER EMBAIXADINHAS

“A MELHOR PARTE É SER CONHECIDO”

NEYMAR FALOU COM PLACAR MINUTOS ANTES DE RENOVAR COM O SANTOS

O Pelé acha que o mais importante para você é comer bem para ficar forte. Concorda? Quantos quilos ganhou no último ano?
Claro que concordo. O tempo vai me ajudar, e já consegui 4 quilos.

Que conselhos Pelé lhe deu?
Para manter a humildade e seguir os conselhos de meus pais.

Já viu muitos gols do Pelé? Qual foi o mais bonito? Tem algum que você quer tentar fazer igual?
Em vídeo vi muitos. Acho todos bonitos. Gol sempre é bonito.

Fica incomodado de seus pais ainda administrarem seu dinheiro?
De modo algum. Eles fazem o melhor para nossa família. Não gosto de pensar nessas coisas.

Você é muito comparado ao Robinho. Isso incomoda?
Sou comparado com ele desde pequeno. O cara é craque, então não me incomoda. Fico feliz com as comparações, mas fico muito com o pezinho no chão, tenho que ir devagar, obedecer a papai e mamãe.

Quando acha que vai ser titular da seleção?
Queria ser titular da seleção desde os 15 anos, mas sei que tem ainda muita coisa para acontecer.

Como foi conviver com Ronaldo, Robinho, Beckham, quando você foi treinar no Real Madrid?
Eu tinha 13 anos e ficava muito tímido. Mas eles faziam muita brincadeira, bagunçavam o tempo todo, e eu me divertia.

Do que mais gosta no futebol?
Ser reconhecido por todo mundo.

E o que é mais chato?
Chato? Não tem nada chato.

Nem concentração?
Concentração é legal, a gente fica bagunçando.

O que achou de o Rogério Ceni tê-lo criticado depois da paradinha que você deu no jogo contra o São Paulo? Se tivesse outro pênalti na partida, cobraria com paradinha?
Foi normal. Não sei como cobraria [duas horas antes, sem perceber a presença da reportagem no CT, havia dito que torceu por outro pênalti para dar outra paradinha].

Neymar causa frisson ao ir ao cabeleireiro imitar a foto de Pelé: “Vi muitos gols dele em vídeo, acho todos muito bonitos”

RENATO PIZZUTTO

EDIÇÃO 1 341 - ABRIL 2010

Prestes a completar 70 anos, o maior atleta de todos os tempos não poupou elogios a mais um jogador apontado, na época, como candidato a "novo Pelé"

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Os dois ídolos santistas preparando-se para as fotos: um encontro com a cara de PLACAR

de goleiros do Santos] dizer que não vou porque as coisas estão indo bem, agora não precisam de mim". E completa falando para a reportagem: "O Neymar sabe que, quando as coisas não andavam bem, eu estava sempre lá". "É verdade", diz o garoto. Passaram-se cerca de 15 minutos desde a chegada de Neymar. Um dos organizadores da aula de Pelé pede que todos deixem a sala para o Rei se trocar e descansar um pouco. Os craques do presente e do passado se despedem com um longo abraço. "O encontro foi como um sonho para mim. Fiquei muito feliz", disse Neymar, depois, à reportagem.

O atacante deixa o prédio acompanhado por seu empresário, um funcionário dele e um segurança. Desce um lance de escada e, sem a malandragem demonstrada dentro de campo, saca do bolso, na rua, um relógio de ouro de sua coleção, que havia tirado para as fotos, e o coloca. Vai a caminho do estacionamento, num trajeto de cerca de 100 metros, fazendo embaixadinhas com uma das bolas que pediu. "Para com isso que vão pensar que você é mesmo o Neymar. Se passar um corintiano, vai te bater", diz Wagner, tentando despistar. Andando e mancando – sequela da batalha com a zaga corintiana no dia anterior –, Neymar não consegue fazer mais que três embaixadinhas. Porém, provocado, o atacante para, segura a bola com as mãos e diz: "Não consigo mais de três? Agora vocês vão ficar aqui até amanhã". Parado, ele faz 21 embaixadinhas e perde o controle da bola. Isso, por volta das 20h, na movimentada esquina da avenida Paulista com a Bela Cintra, para desespero de seu agente. Quando a bola cai, Wagner Ribeiro decreta o fim da brincadeira.

Neymar é assim, quando se sente à vontade vai logo dando um jeito de se divertir. Seu pai acredita que esse é seu segredo em campo. Ele se diverte jogando ao lado de seus amigos no Santos, mas, em breve, pode ter de encarar outra realidade. Wagner Ribeiro não confirma, mas os planos são de que ele vá para a Europa em agosto. É a próxima etapa de um projeto para o qual Neymar se prepara desde criança, afinal sua carreira é muito mais planejada do que foi a de Pelé. Na estreia de Neymar no Santos havia mais repórteres credenciados que na volta de Robinho, segundo a assessoria do clube. Graças ao barulho feito por seu empresário. Desde os 13 anos Neymar dá entrevistas. Tanta exposição vai ajudar ou atrapalhar? "Isso não muda o caráter do jogador. Hoje isso é natural, tem muito meio de comunicação, então sempre tem muita gente. Ele já foi criado nesse mundo, faz parte desse mundo; é natural para ele, não vai prejudicá-lo", afirma Pelé.

Apesar de tanta expectativa em torno de Neymar, nada é garantido. Em 40 anos de PLACAR, surgiram inúmeros jogadores com a alcunha de "novo Pelé". Nenhum deles conseguiu substituir o Rei. Uma parte deles até construiu uma carreira vencedora. E Neymar? Será o destaque da Copa no Brasil, em 2014, um novo Pelé, ou vai engrossar a lista de promessas que fazem bate-volta na Europa?

"Acho que ele vai ser um novo Robinho", diz o técnico Muricy Ramalho. Pelé descarta ser superado pelo novato. A única certeza é que Neymar é a bola da vez, e nada melhor que Pelé apadrinhá-lo na capa comemorativa dos 40 anos de PLACAR. ■

BAIÃO DE DOIS

... de três, de quatro, de onze. Uma galeria de fotos históricas que apenas PLACAR, em seus mais de 50 anos de aventura, poderia ter feito

SEBASTIÃO MARINHO

OS REIS DO RIO
Em janeiro de 1972, PLACAR reuniu dois dos mais celebrados craques do Brasil naquele tempo, ambos tricampeões do mundo no México: o botafoguense Jairzinho e o rubro-negro Paulo Cezar Lima, que depois seria conhecido como Caju, um dos mais interessantes personagens da bola. Os dois reforçariam a amizade a partir de 1974, na França, contratados pelo Olympique de Marselha

ETERNO ENQUANTO DURE

O ano: 1986. A manchete: “O casal 20 está de volta. Depois de uma longa ausência, a dupla do Fluminense prepara seu retorno e garante que a torcida já pode começar a festejar”. Washington (à esq.) e Assis estão para o tricolor das Laranjeiras nos anos 1980 como Pelé e Coutinho para o Santos dos anos 1960, guardadas as devidas – e as indevidas, mas carinhosas – proporções.

RICARDO BELIEL

INIMIGOS ÍNTIMOS

Quem ousaria, nos dias de hoje, de tanta rivalidade agressiva, de tanta briga desnecessária, juntar jogadores de dois clubes de uma mesma cidade. Em 1978, PLACAR pôs numa mesma fotografia os atletas do Guarani campeão brasileiro e da Ponte Preta que, um ano antes, disputara a final do Campeonato Paulista contra o Corinthians de Basílio. Não se trata de saudosismo – mas como seria bonito poder voltar a ver cenas como essa. O escrete: Carlos, Oscar, Mauro, Polozzi, Zé Carlos e Odirley; Lúcio, Renato, Careca, Zenon e Tuta.

JOSÉ PINTO

TRÊS CORAÇÕES

Edinho, o neto. Dondinho, o pai. Pelé, o rei Pelé, o filho. Pela primeira vez, reunidos com emoção, os Arantes do Nascimento. A fotografia, feita em 1995, era a joia da coroa da histórica edição com a capa de Edmundo segurando um urso de pelúcia. Pelé dizia adorar essa imagem, um gesto de carinho que o remetia à infância em Três Corações, onde nasceu para o mundo.

MAURÍCIO NAHAS

ALEXANDRE BATTIBUGLI

CANTO DO EXÍLIO

Ao desembarcar na Alemanha, em 1997, contratado pelo Bayer Leverkusen, Zé Elias grudou em Paulo Sérgio, que já andava pelos campos de lá. Colou no amigo, com quem pegava carona todos os dias, em registro exclusivo de PLACAR. "Ele é muito folgado", disparou Paulo Sérgio. Era amizade de mãos dadas com um outro par, de estrangeiros no Brasil, registrados em 2005 (à dir.): o uruguaio Lugano, do São Paulo, e o paraguaio Gamarra, contratado pelo Palmeiras.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

ALEXANDRE LOUREIRO

COMPADRE MEU

Thiago Silva e David Luiz pareciam feitos um para o outro. Em comum, viveram dispensas nas equipes de base, dramas, contusões, trocas de posições e – claro – a zaga da seleção. A alegria estampada em 2013, depois da Copa das Confederações, seria pintada de dor em 2014, depois do 7 a 1 contra a Alemanha, cujo símbolo maior (e triste) foi o choro do defensor cabeludo.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

TRÊS EM UM

Sonny Anderson, Giovanni e Rivaldo tentavam em 1997 fazer com que o Barcelona esquecesse a passagem vitoriosa de um outro brasileiro, Ronaldo Fenômeno – então Ronaldinho.

DA ARTE DE UNIR AS PONTAS

Uma seleção de capas de PLACAR – do começo aos dias de hoje –, feita de pares, trios e às vezes mais gente, para comprovar que da junção de ideias e pessoas são feitas a vida e a bola

Edição 65
11 de junho de 1971

Os fenomenais canhotinhas do tri no México – Rivellino, do Corinthians, e Gérson, do São Paulo. E não deixaram de brincar um com o outro, secundados pelo centroavante César, do Palmeiras.

Edição 103
3 de março de 1972

Uma turma carioca da pesada reunida por PLACAR: Garrincha, Edu (que depois seria conhecido como irmão de Zico), Marco Antônio, Jorge Mendonça – além de Paulo Cezar e Jairzinho.

Edição 70
15 de julho de 1971

Encontro improvável e bem-humorado de Pelé consigo mesmo, vestindo as camisas de seleções como as de União Soviética, Suécia, Gana, Portugal etc. Era o Rei em seu apogeu, consagrado na Copa do México.

Edição 104
10 de março de 1972

Uma semana depois, foi a vez de PLACAR convidar e dar espaço na manchete principal para cracaços do quinteto dos grandes times de São Paulo: Clodoaldo, Rivellino, Luis Pereira, Marinho e Forlan.

Edição 152
9 de fevereiro de 1973

Uma chamada em momento incômodo para dois artilheiros natos do futebol paulista que andavam em fase ruim, criticados pelas torcidas: César, do Palmeiras, e Mirandinha, do Corinthians.

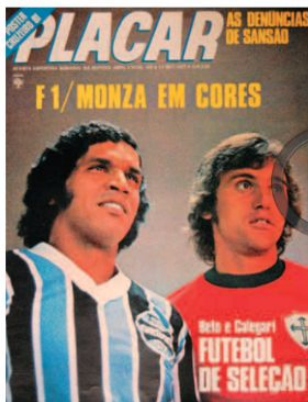
Edição 234
13 de setembro de 1974

O Rio sorria em campo, apesar da ditadura militar. Roberto, Luizinho, Zico e Gil em torno de uma definição simples e bonita: "A verdade é que o futebol se resume a uma coisa – o gol".

Edição 183
14 de setembro de 1973

Uma dupla de primeiríssima qualidade despontava no país, com anseio de chegarem a vestir a canarinho: Beto, do Grêmio, e Calegari, da Portuguesa. Eles não foram à Copa de 1974.

Edição 240
25 de outubro de 1974

Uma vez Flamengo, sempre Flamengo: o Galinho de Quintino, que começava o caminho da glória, e o argentino mais carioca de todos, Doval, encantavam a galera no Maraca aos domingos.

Edição 212
12 de abril de 1974

O dilema de Zagallo para a seleção na Copa da Alemanha: "A explosão do talento de Rivellino ou a classe tranquila de Ademir da Guia? A seleção ainda duvida de sua cabeça". Deu Riva.

Edição 606
31 de dezembro de 1981

De modo a antecipar o ano que nascia, com a Copa do Mundo na Espanha e o Brasil favorito, PLACAR pôs o holofote nos quatro gênios daquela linda travessia: Zico, Sócrates, Reinaldo e Falcão.

Edição 618
26 de março de 1982

"Eu me amarro nesse Magrão", disse o rubro-negro. "Eu adoro esse baixinho", resumiu o alvinegro. Juntos, com a camisa amarela da seleção, eles deram espetáculo – pena não terem trazido o caneco.

Edição 711
6 de janeiro de 1984

Nem tudo foi sempre futebol, ainda bem. Em ano de Olímpiada – em Los Angeles – era o caso de ter ao lado do craque corintiano as estrelas do basquete (Hortência) e do vôlei (Isabel e Willian).

Edição 641
3 de setembro de 1982

Um deles, nem é preciso dizer quem (claro que o tricolor Serginho), sempre teve fama de mau e incontrolável. O outro, de verde, Balthazar, cresceu com a imagem no avesso, o gente boa de voz pausada e estilo de vida tranquilão.

Edição 888
8 de junho de 1987

Depois de uma vitoriosa excursão da seleção para a Europa, a corajosa aposta em quatro jogadores (Mirandinha, Geraldão, Raí e Valdo). Nem todos, é verdade, vingaram como a redação imaginou. Faz parte do jogo.

Edição 688
29 de julho de 1983

Casagrande, do Corinthians, e Serginho, do Santos, fizeram uma divertida aposta pública na reportagem de PLACAR: quem perdesse vestiria a camisa do adversário. O resultado? Zero a zero.

Edição 1 126
Abril de 1997

Os dois geniais atacantes, tetracampeões do mundo nos Estados Unidos em 1994, eram nossa esperança de repetir a dose e voltar da França com o penta – mas o Baixinho acabou cortado por lesão.

Edição 1 140 - Junho de 1998

"O craque francês Djorkaeff rende-se ao talento de Ronaldinho", escreveu PLACAR pouco antes da Copa disputada na França. Ninguém previu que haveria um certo Zinédine Zidane pelo caminho.

Edição 1 174 - 10 de abril de 2001

O Brasil em coro queria Romário, o gênio do tetra, mas Felipão não o levou entre os dois convocados. Com garra e humildade, voltamos do Japão e da Coreia com o penta.

Edição 1 144 - Outubro de 1998

Depois da derrota no Mundial, a revista pôs em destaque jovens talentos que começavam a brilhar no Brasileirão e sonhavam recolocar o time canarinho no degrau mais alto do pódio.

Edição 1 178 - 8 de maio de 2001

Nas semifinais do Paulistão, o acirramento da rivalidade entre Corinthians e Santos inspirou a produção desta foto, com os dois principais destaques dos alvinegros naquele momento.

Edição 1 186 - 3 de julho de 2001

A eterna relação de amor e ódio entre torcedores e seus ídolos era o tema da reportagem sobre o goleiro são-paulino Rogério Ceni, o meia palmeirense Alex e o atacante corintiano Marcelinho.

Edição 1 307 - Junho de 2007

Lulinha e Willian, revelações da base, prometiam "tirar o Corinthians da lama" e contavam em detalhes como o "Terrão" formava as novas gerações de craques do Timão.

Edição 1 290 - Janeiro de 2006

"Você não conhece esse rapaz ao lado?", perguntava a revista. Lionel Messi era apenas "o argentino que não desgruda de Ronaldinho no Barcelona e quer roubar o título de melhor do mundo".

Edição 1 322 - Setembro de 2008

Além de analisar diversas estatísticas, ouvimos seis comentaristas neste "duelo final" para definir qual dos dois (Rogério Ceni, do São Paulo, ou Marcos, do Palmeiras) era o melhor da posição.

Edição 1 344
Julho de 2010

Os jovens Paulo Henrique Ganso e Alexandre Pato eram apontados como solução para renovar a seleção após o fracasso na Copa da África do Sul, mas nenhum dos dois foi convocado para 2014.

Edição 1 405
Agosto de 2015

Pentacampeão do mundo em 2002, Rivaldo era dirigente do Mogi Mirim e seguia jogando, ao lado do filho. Os dois foram os primeiros da história a atuar juntos (e marcar gols) em uma competição oficial no país.

Edição 1 365
Abril de 2012

Campeões brasileiros no ano anterior, Ralf e Paulinho eram apontados como os melhores volantes do país e, de fato, seguiram dando inúmeras alegrias à torcida corintiana.

Edição 1 460
Fevereiro de 2020

O Brasileirão de 2023 começou com sete técnicos portugueses e três argentinos entre os 20 times da Série A. Há três anos, a invasão dos estrangeiros causava espanto e estranheza entre jornalistas e torcedores.

Edição 1 366
Maio de 2012

A busca pelo "novo Pelé" nunca parou, e vai longe ainda. Há onze anos, Messi aparecia com potencial para desbancar o 10 brasileiro. Mas, apesar de ser um gigante, não é o Rei.

Edição 1 477
Julho de 2021

No feminino, a veterana meio-campista do São Paulo. No masculino, o meia do Red Bull Bragantino. Ambos a caminho da Olimpíada de Tóquio, adiada para 2021 por causa da pandemia.

SÃO COISAS DA VIDA

Rita Lee sempre teve íntima ligação com o futebol e, portanto, com as páginas de PLACAR — especialmente no período da Democracia Corintiana, no início dos anos 1980

É possível contar a trajetória de PLACAR, desde o início, em 1970, aos dias de hoje, ao longo de 1 500 edições, por meio das canções e da postura de Rita Lee. A cantora e compositora, que morreu em 8 de maio, aos 73 anos, adorava futebol – em especial o Corinthians e o Internacional. Não há como dissociá-la do período da chamada Democracia Corintiana do início dos anos 1980 – e em especial de uma cena histórica e decisiva. Em novembro de 1982, ela chamou ao palco de um show no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, três jogadores do Timão: Casagrande, Sócrates e Wladimir. O país começava a sair da ditadura militar de vinte anos. Dias depois daquele encontro – e encontro é a marca desta edição – o alvinegro venceria o São Paulo por 3 a 1 na decisão do Campeonato Paulista.

É Casagrande – que naquela tarde marcaria o gol ao qual daria o nome de "Rita Lee" – quem passeia no tempo. "Aquele gol começou uma semana antes. Nós fomos no show dela, ela tinha me convidado, aí chamei os caras e fomos todos. Subimos no palco, demos a camisa para ela e, aí, em resposta ao convite, eu falei: 'Domingo nós vamos jogar com o São Paulo a final, eu queria que você fosse ver o jogo'. Convidei, e não sabia que ela estava lá na cabine com o Osmar Santos. Quando entrei em campo, o repórter, que era o Fausto Silva, veio em cima de mim, colocou o fone e o Osmar falou: 'Casagrande, estou aqui com a Rita Lee'. Aí eu falei: 'Quer saber, Osmar? Fala pra ela que hoje vou fazer o gol Rita Lee'." E assim foi. Rita, que naquela jornada riu com os corintianos, fez a alegria de todas as torcidas, ao longo de sua vida. Diz a letra de "Saúde", um de seus clássicos: "Mas enquanto estou viva e cheia de graça / talvez ainda faça um monte de gente feliz". ■

PAULO SALOMÃO

IRMO CELSO

A cantora e compositora com a camisa do Corinthians, à esquerda, e no show com Sócrates e Casagrande, em 1982 (acima): em nome da democracia, para fazer um monte de gente feliz

CÁSSIO ZANATTA

CARLOS ALBERTO CHEGA AO PARAÍSO

> **Reveja o lance (...) Na altura exata para você pegar na veia. Pobre Albertosi. Não teve a menor chance. Aquela rede estufando foi uma epifania."**

– Ué. Que lugar é esse?

– Não me diga que não sabe.

– Hein?! Que susto! Quem é você?

– Você pergunta isso desde o dia 21 de junho de 1970.

– Desculpa, não me lembro.

– Claro que sim. Há meio século você se pergunta, afinal, quem levantou aquela bola.

– A bola?

– Aquela, com 12 gomos pentagonais e 20 hexagonais, pretos e brancos, que Pelé rolou para você com tanto carinho, na grama do Estádio Azteca.

– Aquele chute... o quarto gol contra a Itália... na final da Copa do México?

– Sabia que você ia se lembrar! Muito prazer. Eu sou aquele que levantou aquela bola para você chutar.

– C-como?

– Reveja o lance. Clodoaldo dribla um, dois, três, quatro italianos. Passa para Rivellino, que lança Jairzinho, que dribla mais um e entrega para Pelé. Este, homem meio aparentado do Dono de tudo isso aqui, com um olho nas costas sente sua aproximação. Vira-se e toca a bola rasteirinha, implorando para ser chutada. Aí você aparece feito um foguete para fuzilar – mas, um décimo de segundo antes, como por milagre, a bola sobe dois centímetros.

– É mesmo. A bola deu uma levantadinha.

– Na altura exata para você pegar na veia. Pobre Albertosi. Não teve a menor chance. Aquela rede estufando foi uma epifania.

– Esse tempo todo, achei que fosse um buraco na grama.

– Nada.

– Então, você é um anjo!

– Não, não, anjo é aquele ali, com as pernas tortas. Agora apresse-se. Vista essa camiseta com o número 4 às costas, as chuteiras, a pelada vai começar. Lá está o Garrincha, Di Stefano, Puskas, Cruyff, Maradona. Faltava o Capitão.

– Jesus do céu!

– Então. Eu ia falar mesmo sobre isso. Tenha paciência com o Moço, Ele é do seu time, se acha o dono da bola, fica filosofando demais em campo, mas faz uns gols meio espíritas, bonitos até, você vai ver. Enfim, não grite com Ele. E seja muito bem-vindo.

– Obrigado.

– Eu é que agradeço. Aquele gol foi o maior momento da minha vida, da eternidade, por todos os séculos e séculos.

– Quer dizer que esse é o Paraíso?

– Digamos que é um esboço, a gente chega lá. Paraíso foi o Estádio Azteca, naquela tarde de 21 de junho de 1970. Quando Pelé rolou a bola para você, rasteira, e eu, com uma levantadinha de gênio... ■

* * *

Pouco tempo depois desta crônica, o rei Pelé também era chamado para o racha.

LEMYR MARTINS

O derradeiro gol na goleada por 4 a 1, em 1970: momento mágico na Cidade do México

Cássio Zanatta é redator e escritor, não necessariamente nessa ordem. Já foi redator e diretor de criação da AlmapBBDO, DM9, Africa, DPZ e outras importantes agências brasileiras